

*Maria Augusta Martiarena*

*Julia Ferri Pinto*

*Elisa Daminelli*

*Alexandre Lobo*

*(Organizadores)*

# Dez Anos de História

**Relatos e Reflexões sobre a  
Pós-Graduação em Educação  
Básica e Profissional do IFRS -  
Campus Osório**



Maria Augusta Martiarena  
Julia Ferri Pinto  
Elisa Daminelli  
Alexandre Lobo  
(Organizadores)

***Dez Anos de História: Relatos e Reflexões  
sobre a Pós-Graduação em Educação Básica e  
Profissional do IFRS - Campus Osório***

São Paulo  
Pragmatha  
2025

Pragmatha Editora  
www.pragmatha.com.br  
Edição: Sandra Veroneze  
Identidade Visual: Pragmatha  
Diagramação: Nieli Blota Martins

Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial  
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte  
D532 Dez anos de história: relatos e reflexões sobre a Pós-Graduação  
em Educação Básica e Profissional do IFRS - Campus Osório / Maria Augusta  
Martiarena ... [et al.]. – São Paulo: Pragmatha, 2025.

120 p. : il. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-8434-287-7

1.Educação – Estudo e ensino (Pós-graduação). 2.Educação básica. 3.Educação – Rio Grande do Sul – História. 4.Professores – Formação – Rio Grande do Sul. 5.Prática de ensino. 6.Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (Campus Osório). Martiarena, Maria Augusta. II.Pinto, Julia Ferri. III.Daminelli, Elisa. IV.Sousa, Alexandre Lobo.

CDU 373  
371.13(816.5)  
CDD 370  
370.718165

Catalogação na publicação:  
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

## Sumário

06 | Prefácio

11 | Introdução

### **As origens: Programa Especial de Formação de Professores**

14 | A construção da proposta

### **A estruturação do Lato Sensu**

20 | Um projeto, um sonho, um horizonte: memórias de quem estuda memórias - relato sobre o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Básica e Profissional

29 | Memórias e experiências da trajetória no curso de Pós-Graduação em Educação Básica Profissional do IFRS *Campus* Osório

### **Experiências nas primeiras turmas**

40 | Formação Docente em Ação: um processo de mão dupla como um encontro

50 | É bom olhar pra trás e admirar as coisas que  
soubemos fazer

58 | Um Ponto de Encontro(s)

65 | Experiências no curso de Especialização em  
Educação Básica e Profissional no *campus* Osório:  
multidisciplinaridade e múltiplos aprendizados

### **A reestruturação do projeto pedagógico de curso**

75 | Pós-graduação em tempos de covid

83 | Um pouco de vivências sobre a Pós no IFRS  
*Campus* Osório

### **O formato atual**

92 | A experiência docente na Pós-Graduação

100 | Olhar Inclusivo

107 | Laboratório Interdisciplinar de Estudos e  
Práticas em Educação

116 | Referências

## Prefácio

Prefaciar a obra “Dez Anos de História: Relatos e Reflexões sobre a Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional do IFRS - Campus Osório”, resultou no privilégio de ler, em primeira mão, os relatos das e dos protagonistas desta conquista do IFRS Campus Osório e do Litoral Norte gaúcho, no campo de formação de professores da educação básica e profissional, em nível de especialização lato sensu. A memória, considerada como um elemento de identidade individual e coletiva, nos conduz a um sentimento de continuidade também individual ou de um grupo no seu processo de sua reconstrução (Pollak, 1992)<sup>1</sup>. Assim, na interação com suas memórias, restou impossível não entrelaçar os relatos das e dos colegas com a minha própria história no IFRS.

Minha primeira interação com o Curso de Pós-graduação Lato Sensu – Especialização em Educação Básica e Profissional se deu nos idos de 2013, quando

---

<sup>1</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> . Acesso em: 11 out. 2024.

assumi como Pró-reitora Adjunta na gestão do Professor Júlio Xandro Heck na Pró-reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação, ainda no mandato de Reitora da Professora Claudia Schiedeck de Souza. Naquela época, o IFRS tinha apenas seis cursos<sup>2</sup> de especialização lato sensu, o que já traduz o protagonismo dessa oferta no âmbito institucional. Nesse período, na Proppi ainda com uma pequena equipe, cabia a mim a tarefa de analisar os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Especialização e encaminhá-los para a aprovação no Conselho Superior. Assim, a mim foi designada a tarefa de analisar e encaminhar as alterações do curso que, na época, ampliava o âmbito da oferta, definindo-o como educação básica e profissional. Passado algum tempo, tive duas felizes participações no curso. A primeira, a convite da coordenação, quando proferi a palestra “A Educação Profissional: perspectivas e enfoques atuais” para uma plateia atenta e interativa. A segunda, quando participei da banca de defesa de conclusão do belíssimo trabalho desenvolvido pelo Professor Luiz Felipe Velho, docente do IFRS - campus Porto Alegre e aluno do Curso, sob a competente orientação da professora Aline Bona. Alguns anos depois tive o privilégio de ter como aluna do Mestrado Profissional em Educação Profissional, uma egressa desta especialização, a hoje Mestre em EPT Luciana de Souza Mazur, orientada pela professora Maria Augusta Martiarena em ambos os cursos.

É preciso destacar que, dentre os muitos méritos

---

<sup>2</sup> Atualmente o IFRS oferta mais de 20 cursos de pós-graduação em nível de especialização e 7 cursos de Mestrado Profissional.

das e dos colegas que enfrentaram o desafio de implantar este curso, em uma época na qual a maioria de nós ingressava em uma instituição nova, com uma institucionalidade que ainda desconhecíamos, sem dúvidas, consistiu em oportunizar aos docentes do IFRS a possibilidade de realizar, por exigência legal, a formação pedagógica para atuação na Educação Profissional de Nível Básico.

A Lei nº 11.892/2008, que institui os Institutos Federais, define que essas instituições, dentre seus objetivos, e considerando a oferta de cursos verticalizada, devem ministrar em nível de educação superior, cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas à formação de professores para a educação básica.

Assim, nesse processo de ineditismo, o campus Osório, pelas mãos de seus servidores, cumpre com um dos objetivos dos Institutos Federais, que é a formação de professores tanto em nível de graduação como de pós-graduação. Nesse contexto, o olhar atento ao seu território e às necessidades de formação das professoras e dos professores da Educação Básica do Litoral Norte, o campus Osório possibilitou o acesso à formação continuada em uma instituição pública federal, contribuindo para a qualidade da educação pública.

Com o objetivo de “propiciar ao professor do Ensino Básico e do Ensino Básico Profissional instrumental teórico que o capacite a refletir a dinâmica da relação ensino e aprendizagem, integrando os saberes pedagógicos ao promover a superação entre o saber e o fazer

de sua prática docente”<sup>3</sup>, o curso está sustentado por um paradigma progressista, crítico e emancipatório da EPT e da educação básica em geral. Desta forma, ao longo destes 10 anos de existência, o corpo docente do Curso de Especialização em Educação Básica e Profissional vem desenvolvendo e aprimorando um espaço de formação continuada alinhado ao projeto dos Institutos Federais. Nesse contexto, o compromisso é com a formação de professores da educação profissional e da educação básica em geral, orientada para as ações indissociadas entre ensino, pesquisa e extensão, tendo como princípios basilares a integração entre trabalho, ciência e cultura como dimensões indissociáveis da vida humana.

Se considerarmos o cenário mundial, cujos fortes movimentos da reforma educativa global encaminham para a modelagem das políticas educacionais, para a avaliação estandardizada e para a privatização da educação, ousa afirmar que esses 10 anos do Curso de Especialização em Educação Básica e Profissional representam um esforço contra hegemônico em defesa da educação pública. A determinação e o encantamento de cada docente e de cada servidor e servidora do IFRS – Campus Osório na oferta deste Curso fortalece o projeto do IFRS pautado pela formação humana integral em contraposição às políticas neoliberais.

Finalizo, portanto, com muita admiração, parabenizando às colegas servidoras e aos colegas servidores

<sup>3</sup> IFRS. Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Docência na Educação Básica e Profissional. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/osorio/wp-content/uploads/sites/9/2019/12/PPC-Posv2.pdf>. Acesso em: 11 out. 2024.

do IFRS – Campus Osório que, há 10 anos, vêm consolidando um espaço de formação continuada de professores, alicerçado nos princípios educacionais que definem o compromisso com o fortalecimento da educação básica emancipatória com vistas à construção de uma sociedade mais justa e solidária.

*Clarice Monteiro Escott<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Possui Licenciatura em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS); Docente Permanente Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFRS) e coordenadora do Núcleo de Autoavaliação e Planejamento Estratégico do ProfEPT. Coordenadora Adjunta da Comissão Acadêmica Nacional do ProfEPT - Gestão 2022-2025.

## Introdução

O fazer historiográfico, cujo olhar é lançado para a educação como objeto de pesquisa, pressupõe analisar, a partir de teoria e método, temas, os quais são situados temporal e espacialmente. A memória lentamente constituiu-se como importante fonte para a pesquisa histórica. Assim como outros diferentes tipos de fontes históricas, a mesma requer preservação. Este livro é fruto de um empenho de docentes e egressos do Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional em interlocução com o Núcleo de Memória do IFRS - Campus Osório, cujos recursos financeiros destinados ao mesmo permitiram esta publicação.

Dispusemo-nos a não apenas celebrar os dez anos do curso, tempo representativo de vida em uma instituição de catorze anos de existência, mas em promover a preservação de relatos cuja relevância permite-nos preservar um pouco dessa história, tão importante para nós. Ao lançar um olhar sobre os relatos que conseguimos coletar, verificamos ausências importantes, pois foram tantas as pessoas que participaram da criação e da consolidação desse curso. Faltam, também, os relatos dos discentes, atuais e egressos, mas,


vivemos na esperança de seguirmos nosso empenho, como guardiãs e guardiões da memória, de organizarmos mais obras sobre essa e outras histórias do IFRS - *Campus* Osório.

Gostaríamos de ressaltar a importância do curso de Pós-Graduação no contexto educacional do Litoral Norte gaúcho, uma oferta pública, gratuita e de qualidade, que proporciona aos ingressos um espaço de reflexão sobre a educação básica e profissional, bem como desenhos e propostas de retorno ao mundo acadêmico a partir do trabalho de conclusão de curso, uma vez que temos egressos que iniciaram seus estudos no mestrado ou no doutorado depois de concluírem o curso. Ademais, o curso tem ofertado espaços de diálogos com a comunidade escolar e acadêmica, ao propor cursos de extensão e rodas de conversa sobre diferentes desafios do fazer docente na atualidade.

O livro que organizamos constituiu-se de relatos de diferentes momentos: a concepção a partir de suas origens no Programa Especial de Formação de Professores, a transformação em Pós-Graduação Lato Sensu, as mudanças curriculares, o impacto da pandemia de covid-19 e a atualidade.

*Julia Ferri Pinto*

*Maria Augusta Martiarena*



**As origens:  
Programa Especial de  
Formação de Professores**

## A construção da proposta

Fernanda Albuquerque<sup>1</sup>

Primeiro, gostaria de me apresentar. Sou a Fernanda Albuquerque, atualmente professora do Colégio Militar de Porto Alegre, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande e ex-professora do *Campus* Osório. Trabalhei no *Campus* de 2010 a 2013, onde pude experienciar a função de professora de química, professora de biologia, coordenadora de extensão e uma das quatro pessoas a pensar e implementar o primeiro curso de formação de professores do *campus*, embrião do atual curso de pós-graduação.

O ano era 2010. O *campus* ainda estava recebendo seus primeiros professores e se preparava para suas primeiras aulas ainda em sede provisória. Os professores que chegavam, além dos licenciados nas disciplinas básicas, eram formados em administração, direito, in-

<sup>1</sup> Possui Doutorado em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (2012), Mestrado em Educação em Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006) e graduação em Licenciatura em Química pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003). Atualmente, é professora de química do Colégio Militar de Porto Alegre. Atuou no IFRS - *Campus* Osório de 2010 a 2013. Mesmo depois de sua remoção, atuou na primeira turma do Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional, em disciplina compartilhada com a Prof.<sup>a</sup> Elisa Daminelli.

formática e turismo. E, apesar de experientes fora da sala de aula e com título de mestres e doutores, não tinham formação adequada para trabalhar na educação básica.

Cheguei no *campus* com experiência de mais de sete anos de Ensino Médio e, juntamente com outros três colegas, fui chamada pela direção do *Campus* Osório para pensar em um curso para a formação de professores. Para a sua construção, formamos um grupo de trabalho constituído por um doutor e outros três doutorandos na área de educação. Juntos, iniciamos a elaboração de um curso que fosse capaz de contemplar a heterogeneidade dos professores-colegas que seriam nossos futuros alunos.

Nas primeiras reuniões, cada integrante do grupo falou um pouco sobre as suas experiências na área de educação. Lendo e pesquisando outros cursos existentes, pensamos na importância de trabalhar com a história da educação profissional, em que os alunos-professores pudessem situar-se e melhor compreender a criação da própria instituição em que atuam. A metodologia e o trabalho com o currículo também foi destacado como fundamental para um curso que forme professores, bem como avaliação, educação inclusiva, entre outros.

Após a reunião e empolgação inicial, percebemos o grande desafio que tínhamos. O curso de formação de professores deveria ser realizado em curto prazo, devido à urgência da instituição. Não poderíamos, portanto, pensar em uma Licenciatura para Educação Profissional. O nosso objetivo era contribuir para que os

professores ainda sem ou com pouca experiência em sala de aula pudessem entender melhor seu papel.

Além dos limites relacionados com o pouco tempo do curso, nos demos conta de que a grande maioria dos nossos alunos seria os nossos próprios colegas. Pensando na situação, compreendemos que encontraríamos vantagens e desvantagens. Seria favorável trabalhar com colegas da mesma instituição com objetivos aparentemente comuns, porém poderíamos enfrentar desconforto em relação à assiduidade, horários, entrega de atividades, postura. Como enfrentar esse desafio?

Conversei com o grupo sobre as Rodas de Formação. Expliquei que poderíamos incluir disciplinas nos três semestres de duração do curso, para partilhar experiências. Dessa forma, nos entenderíamos como um grupo, valorizando o que cada um conhece, partilhando as dificuldades encontradas na sua sala de aula, incentivando a escrita das suas experiências, dialogando com teóricos da educação e planejando em conjunto. Teríamos que esclarecer desde as primeiras disciplinas que nós também éramos aprendentes e, conseqüentemente, também estávamos em formação.

Construímos a matriz curricular, ementas, bibliografias, critérios para seleção e perfil do egresso. Iniciamos o curso em março de 2011 com expectativas e disposição para enfrentar os desafios. Na matrícula, para a nossa surpresa, tivemos a procura de praticamente todos os professores da instituição, dentre eles professores do ensino médio, coordenadores e o diretor. Além da procura da comunidade interna, tivemos

também a matrícula de mais doze professores de cursos técnicos da região.

Na primeira aula da disciplina Rodas de Formação I, organizei o grupo de alunos em roda e falei dos objetivos das aulas. Tive medo ao estar sozinha e me apoiei nas rodas que conhecia para propor a leitura de um texto sobre o Educar pela Pesquisa. A vontade de enfrentar o desafio e o entendimento da importância do curso na formação profissional de todos impulsionaram as aulas que no primeiro semestre se caracterizaram pela construção de uma Unidade de Aprendizagem e pela escrita de relatos de sala de aula.

A escrita de histórias se manteve no semestre seguinte. Em cada início de aula, fazíamos a leitura de uma delas com o objetivo de discutir o que poderíamos aprender com o que estava sendo narrado. Nas histórias os professores, inclusive eu, lembravam histórias de quando ainda eram alunos, outros escreviam sobre suas aulas como professores, sobre os receios nos momentos de avaliação ou sobre metodologias de trabalho. O exercício da escrita encontrou resistências em alguns, porém trouxe para a Roda muitas experiências e momentos de partilha.

A leitura e a discussão das histórias oportunizaram o planejamento de muitas aulas e orientaram para as necessidades daquele grupo. Por meio da leitura, pude conhecer melhor os integrantes da Roda e relacionar os objetivos que tinha com a disciplina com os interesses revelados por eles na escrita das histórias de sala de aula.

A utilização de textos sobre o Educar pela Pesquisa, Unidades de Aprendizagens e Avaliação como me-

dição das aprendizagens me remeteram a lembranças das aulas dos meus professores. Eles, durante a graduação, o mestrado e o doutorado, contribuíram de forma significativa para a minha formação e me oportunizaram perceber o ensino como possibilidades de aprendizagem para o professor. Fizeram com que eu tivesse a ousadia de experimentar sem tanto medo de errar. Contribuíram para que eu percebesse a importância de pesquisar a minha própria prática e me compreendesse em formação.

Entendo que passei a minha formação compartilhando experiências em Roda e por esse motivo divulguei a proposta a outros pares. Acredito nas suas potencialidades e aposto nas suas possibilidades de formação. É por meio dela que compreendo a formação do professor e que me compreendo professora.

A aposta na formação acadêmico-profissional baseada na importância da formação de sujeitos pesquisadores da sua prática permite o acolhimento das angústias e experiências dos alunos-professores e impulsiona para outras aprendizagens e desafios. Argumenta-se também sobre a importância da escrita de experiências de sala de aula como possibilidade de reavaliar ações e de documentar a própria formação.



# A estruturação do Lato Sensus

MISCELLANEOUS  
WRITINGS  
ON  
SLAVERY  
WILLIAM JAY

NIXTON'S  
REMEDY  
FOR THE  
SLAVE TRADE

HIBBES  
MILITARY  
STATUTES

HIBBES  
LIBRARY  
COMPANION

E. B. CROCKER  
1825 223

# **Um projeto, um sonho, um horizonte: memórias de quem estuda memórias - relato sobre o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Básica e Profissional**

*Maria Augusta Martiarena<sup>1</sup>*

Não é fácil escrever sobre as próprias memórias quando usualmente as memórias de outrem constituem-se em teus objetos de investigação. Contudo, o exercício de reflexão acerca das origens do Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional são uma constante em meus dias, em cada momento em que ingresso na sala de aula, a cada turma que se inicia.

Apresento-me brevemente; sou Maria Augusta Martiarena, licenciada em História pela Universidade Federal de Pelotas, mestre e doutora em Educação - linha de pesquisa História da Educação, pela mesma

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Pelotas (2001), Mestrado (2005) e Doutorado (2012) em Educação - linha de pesquisa Filosofia e História da Educação pela Universidade Federal de Pelotas, Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS e pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF. É professora do IFRS - *Campus* Osório desde 2010. Atua no Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional desde a sua criação até os dias atuais.

universidade. Tive a oportunidade de realizar dois estágios pós-doutorais, o primeiro na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e o segundo na Universidade Federal Fluminense. Fui a primeira coordenadora da nossa pós, em um momento em que ainda não tínhamos a garantia de uma função gratificada que, independentemente do valor, representou, quando de sua conquista, a efetivação da valorização do curso em esfera institucional.

Ao tratar da história da pós, é impossível não remeter sua origem ao Programa Especial de Formação de Professores, curso desenvolvido entre 2011 e 2012, cuja sugestão de organização partiu da Professora Fernanda Albuquerque. No ano de 2010, um grupo, em sua maioria composto por jovens e recém empossados no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, no *Campus* Osório, encontrava-se pleno de ideais e de uma quantidade sem par de desejos de trabalhar e de criar, de colaborar para a instituição, também jovem, que nos recebia. A professora Fernanda chegou empolgadíssima com o curso que seus colegas desenvolviam no *Campus* Rio Grande. Logo formamos um grupo de inicialmente quatro docentes: Fernanda Albuquerque, Leandro Raizer, Tina Hatem e eu. Desenvolvemos a proposta do Programa e, no ano de 2011, iniciaram-se as aulas que contaram, também, com a colaboração de outros docentes, especialmente, no que se refere às orientações.

As dificuldades relacionadas à falta de apoio da gestão e a nossa percepção de que havia um número grande de pessoas licenciadas que buscavam formação

continuada levou-nos a pensar na transformação do curso em uma Pós-Graduação Lato Sensu. Concomitantemente a esse desejo que o corpo docente nutria, integrei um grupo de trabalho junto à Pró-Reitoria de Ensino, o qual objetivava padronizar o currículo dos Cursos de Formação de Professores, aqueles que eram desenvolvidos com o intuito de propiciar formação pedagógica para não-licenciados. Foram meses de trabalho marcados por viagens à cidade de Bento Gonçalves, tendo em vista que pouco se lançava mão de reuniões online antes do período da pandemia de covid-19. Naquele momento, o grupo que contava com representantes de diferentes *campi* produziu a proposta de um currículo de Formação Pedagógica para o IFRS. Em dezembro de 2012, foi lançada uma resolução da Câmara Nacional de Educação Básica que permitia a utilização de cursos de pós-graduação lato sensu como formação pedagógica.

A normativa causou um impacto muito grande na proposta que o grupo de trabalho havia desenvolvido e nós, do *Campus* Osório, partimos para a opção de criar o lato sensu, o que atenderia as demandas que estavam postas: formação pedagógica para não-licenciados e formação continuada para licenciados. Durante o ano de 2013, trabalhamos na elaboração de um currículo adequado para o que estávamos dispostos a oferecer.

Esse ano foi caracterizado por ser uma etapa de tensionamento, tendo em vista que colegas que tinham papel muito relevante no Programa Especial de Formação de Professores foram removidos para outros *Campi*/Instituições. Outros docentes, contudo, ingres-

saram no grupo que passou a desenvolver a proposta. Foi um ano de inseguranças, também, pelas difíceis relações com a gestão, que não permitia o avanço da proposta. No ano de 2014, contudo, o então diretor de ensino encampou a proposta e auxiliou-nos a colocá-la em funcionamento.

Março de 2014 marcou o início das atividades do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Básica Profissional, na época sem o “e”, o qual foi adicionado apenas após a primeira (única até o presente momento) revisão do Projeto Pedagógico de Curso. A exigência de “Básica Profissional” partiu, naquele momento, da Pró-Reitoria de Ensino, pois era compreendido que aos IFs caberia apenas a formação da para docentes da Educação Profissional. A integração do “e” na revisão de 2019 representou uma conquista, na qual afirmou-se nosso papel como formadoras e formadores de docentes da Educação Básica.

No dia 27 de março de 2014, no auditório do nosso *Campus*, ocorreu a aula inaugural que contou com a palestra do professor Vinícius Lima Lousada, que ocupava o cargo de pró-reitor Adjunto de Ensino e que foi um incentivador para a criação da nossa pós. Naquela noite, parte do corpo docente apresentou-se à primeira turma. Materializou-se, então, o fruto de tanto empenho de um grupo que se propôs a propiciar formação docente.

O nosso curso, por algumas edições, contava de três semestre e suas aulas ocorriam nas quintas-feiras de noite e nas sextas-feiras, manhã e tarde. A revisão diminuiu o número de semestres e apontou para a oferta

do curso exclusivamente no turno da noite, em três noites: terças, quartas e quintas-feiras. Embora tais mudanças possam parecer pequenos detalhes, elas são fruto de amplas discussões ocorridas no âmbito do colegiado.

Considero fundamental ressaltar que a Pró-Reitoria de Ensino teve papel extremamente importante na oferta do curso, contudo, durante o início do funcionamento do mesmo, a Pós-Graduação passou a integrar a Pró-Reitoria de Pesquisa, que passou a chamar-se Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação. Foi criada, inclusive, uma coordenação de Pós-Graduação, com a qual é realizada a interlocução até a atualidade.

Até o presente momento, busquei narrar de forma articulada e cronológica os acontecimentos cujo encadeamento levou à criação do curso. Agora, direciono-me a alguns elementos mais pessoais, os quais permearam o contexto relatado. O ano de 2014, além de marcar o início das atividades do Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional, razão pela qual já seria suficientemente especial na minha vida, pois representa a materialização de um empenho na oferta do curso, também foi o ano de nascimento do meu filho Franz. Estranhamente, vivenciei duas experiências de maternidade naquele ano: a maternidade de um curso, que veio primeiro e cujo processo foi doloroso em determinados momentos; e a de um filho, cuja gestação foi tranquila e prazerosa.

O meu afastamento para a licença-maternidade levou a coordenação a outra docente, cuja atuação é ex-

tremamente importante no curso: a professora Elisa Daminelli. Durante esse período, ela enfrentou as dificuldades de trabalhar com uma primeira oferta e com um corpo discente bastante diverso. Enfrentadas essas dificuldades, quando retornei, a coordenação passou para o professor Olavo Ramalho Marques, pois, naquele momento, eu pretendia manter da forma possível a vida acadêmica e vivenciar da forma mais intensa possível a maternidade e os desafios de criar um bebê.

Entre os anos de 2016 e o início de 2018, assumi a Direção de Pesquisa durante a gestão de Claudino Andrighetto. Naquele momento, tinha como meta conseguir a função gratificada que mencionei anteriormente, a qual representaria a validação institucional de nosso curso. Naquele momento conseguimos, e o professor Sérgio Guilherme Portela assumiu a coordenação. A ele, seguiu-se o professor Alexandre Lobo, que procedeu a revisão do Projeto Pedagógico de Curso.

Somente retornei à coordenação em 2021, embora não tenha deixado, em momento algum, de participar intensamente das atividades e de todos os processos referentes à nossa pós. Sempre fui a responsável pela disciplina de História da Educação, na qual posso abordar conhecimentos adquiridos ao longo de mais de vinte anos de pesquisa na área. Com a revisão, foram unidas as disciplinas de História da Educação e Estrutura e Funcionamento de Ensino, criando-se a disciplina de História da Educação Brasileira e Políticas Educacionais, análogas às oferecidas nos dois cursos de licenciatura oferecidos no âmbito do *campus* Osório e pelas quais também sou responsável.

Atuei como docente em todas as turmas que ingressaram e isso me alegra imensamente. Considero que propiciar momentos de reflexão sobre o contexto educacional a partir de uma perspectiva histórica e através das políticas públicas em educação seja de grande importância para a formação de docentes, cuja criticidade perpassa suas práticas educativas. Reafirmo para as turmas que o que temos hoje em esfera educacional é fruto dos processos históricos que a constituíram. Aponto, a cada aula, que a educação é fruto de mediações sociais, ela não está posta independentemente de intencionalidades, mas é fruto de amplas disputas. Em minhas aulas, busquei promover a compreensão de como certos grupos foram alijados de seu direito social à educação e cujo alijamento refletiu em graves problemas sociais que perpetraram nossa sociedade.

Orientar trabalhos de conclusão de curso também foi e é uma experiência muito importante em minha prática profissional. As duas décadas de experiência de pesquisa foram caracterizadas ora por momentos como orientanda (mestrado, doutorado e supervisionada nos estágios pós-doutorais), ora por momentos de orientação: bolsistas de iniciação científica, estudantes da nossa pós e, desde 2017, estudantes do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT-IFRS). A orientação representa, para mim, a oportunidade de auxiliar na preparação de profissionais críticos e qualificados, cuja produção de conhecimento seja relevante para si e para a sociedade e que incida, ainda que não diretamente nos estudos de práticas educativas, pois são investigações no âmbito

dos fundamentos da educação, em suas atividades em sala de aula. O que seriam das práticas se não existisse um movimento de reflexão e fundamentação sobre as mesmas?

Entre minhas orientandas deste curso, tive a oportunidade de dar seguimento a uma orientação no mestrado. Outras, tenho a oportunidade de reencontrar volta e meia. Algumas vezes encontro egressas e egressos que não foram orientados por mim, contudo, para minha alegria e deleite, referem-se de forma positiva sobre as minhas aulas, sobre como foi importante refletir sobre a historicidade da educação e como isso contribuiu em suas vidas profissionais e mesmo reflexões que alçaram a esfera pessoal. Fico embevecida, pois a docência nem sempre é fácil, nem sempre é um caminho cujo trilhar é tranquilo, ao contrário, pode ser tortuoso.

A minha prática docente é permeada por convicções e ideários que se constituíram ao longo dos anos de estudo e dos espaços em que me inseri, desde a sala de aula dos sextos anos em uma escola periférica de Pelotas, na qual iniciei minha vida docente, até as diferentes turmas que tive no âmbito do IFRS: técnico subsequente, técnico integrado, programa especial, tecnólogo, licenciaturas, lato sensu e stricto sensu. Assim me constituí e defini meu horizonte, no qual consta a transformação social. Ontem falávamos sobre isso, a aula era para a Licenciatura em Matemática, em conjunto com um colega, mas a atual turma da pós participou. Discutimos um documentário e, apesar das inseguranças, das incertezas, acenei que acredito na

transformação social como horizonte. Tal afirmação dá-se ciente de que a responsabilização da educação como solução dos problemas sociais é injusta, pois políticas sociais são fundamentais para mudar a sociedade desigual em que vivemos. A educação pode ser um grão de areia em um deserto, no entanto, é neste grão que deposito o meu empenho, a minha dedicação como docente e como pesquisadora.

## **Memórias e experiências da trajetória no curso de Pós-Graduação em Educação Básica Profissional do IFRS *Campus* Osório**

*Elisa Daminelli<sup>1</sup>*

Minha trajetória no IFRS *Campus* Osório teve início em 2010, quando ingressei como professora concursada para a área de Matemática. Trazia comigo experiências anteriores como docente de Matemática na rede pública de ensino fundamental em municípios do litoral norte gaúcho. No IFRS *campus* Osório já trabalhei em diversos níveis e modalidades, incluindo os cursos de Ensino Médio Integrado, curso de Tecnologia em Processos Gerenciais e o curso de Licenciatura em Matemática. Atualmente, atuo como professora de Matemática nos cursos de Ensino Médio Integrado, e também no curso de pós-graduação em Educação Básica Profissional, na disciplina de Metodologia de pesquisa e na orientação dos estudantes.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS. Possui graduação em Matemática - Licenciatura Plena pela Faculdade Cenecista de Osório (2003), especialização em Educação Matemática pela UNESC (2005) e Mestrado em Ensino de Matemática pela UFRGS (2011). Professora do IFRS - *Campus* Osório desde 2010. Atua no Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional desde a sua criação até os dias atuais.

Minha formação inicial é licenciatura em Matemática, concluída em 2003 pela UNICNEC em Osório/RS. Também fiz uma especialização em Educação Matemática, entre 2004 e 2005, na UNESC/SC. Em busca de qualificação profissional, fiz o Mestrado em Ensino de Matemática pela UFRGS, entre 2009 e 2011, período em que ingressei no IFRS *Campus* Osório. Quando fui convidada por colegas para participar do curso de pós-graduação, em meados de 2013, senti novamente que precisava buscar qualificação, e fui em busca de um Doutorado na área de Educação, cursado na UFRGS entre 2014 e 2018. Ainda em busca de novos conhecimentos, fiz uma licenciatura em Ciências Sociais, entre 2018 e 2022, pela UFRGS.

Ao longo dos anos no *campus* Osório, vivenciei o crescimento da minha prática pedagógica e também fui testemunha da evolução da formação de professores, especialmente no que tange à necessidade de formação continuada e complementação pedagógica dos docentes das áreas técnicas. Este texto traz uma reflexão sobre a criação e desenvolvimento do curso de Pós-Graduação em Educação Básica Profissional no IFRS Osório, destacando os desafios, aprendizados e memórias dessa jornada, tanto como professora quanto como coordenadora do curso, traçando um panorama do momento inicial do curso e das contribuições para a formação continuada dos profissionais da educação.

Sobre minhas memórias em relação ao curso de Pós-Graduação em Educação Básica Profissional do *campus* Osório, lembro-me que ele se constituiu a partir de um curso de formação de professores, que visava

atender uma demanda por complementação pedagógica aos docentes das áreas técnicas que não possuíam licenciatura em sua formação. Em geral, professores de áreas técnicas possuem uma formação específica em sua área, em nível de graduação, que se caracteriza por bacharelado, e que não tem nenhum vínculo com a educação, portanto, sem qualquer formação pedagógica.

Na região do litoral norte gaúcho, não havia nenhum curso voltado para a formação pedagógica desses professores, embora diversas instituições da região, que ofertavam cursos técnicos, apresentassem essa demanda para adequação da formação de seus docentes. Especialmente, dentro do próprio IFRS *Campus* Osório, tínhamos colegas que necessitavam dessa formação pedagógica, e isso era uma exigência inclusive do cargo para o qual tinham sido nomeados, estando prevista no edital do concurso público.

Foi nesse contexto, a partir da iniciativa de um pequeno grupo de docentes do *Campus* Osório, que surgiu a ideia de organizar um curso de formação de professores que pudesse atender essa demanda. Na época, não participei diretamente da organização desse curso de formação de professores. Mas me lembro de que esse curso marcou o início do processo para a elaboração da pós-graduação, uma vez que teve bastante procura, inclusive por professores com formação em licenciatura.

A constatação de que muitos professores licenciados da região procuraram o curso de formação de professores, em busca de uma formação continuada, foi

um dos principais argumentos para a elaboração de uma proposta de pós-graduação. Foi pensando nesse público e nessa demanda que o curso de formação de professores, que tinha como foco a complementação pedagógica para não licenciados, se transformou em um curso e pós-graduação, em nível de especialização.

Essa mudança possibilitou atender de forma mais adequada ao público que procurava uma formação continuada, pois atendia aos docentes das áreas técnicas não licenciados, possibilitando a complementação de sua formação pedagógica. Ao mesmo tempo, possibilitava aos professores, já licenciados, um espaço de formação continuada com qualidade e com a certificação em nível de especialização. Tal certificação agregava valor para esses profissionais licenciados, tanto para currículo como em termos financeiros, a julgar que na região é comum um adicional salarial por conta de titulação maior que a graduação.

Dessa forma, em 2013, foi aprovado o Projeto Pedagógico do Curso de Pós-Graduação em Educação Básica Profissional do IFRS *Campus* Osório. Nesse período, já com o Mestrado concluído e iniciando o Doutorado em Educação, passei a integrar o quadro de professores do curso. Inicialmente a convite da professora Fernanda Medeiros de Albuquerque, com quem já trabalhava em parceria com atividades nas turmas de Ensino Médio Integrado. A professora Fernanda era responsável pela disciplina de Rodas de Conversa no curso de formação de professores, e para o curso de pós-graduação a disciplina foi reorganizada e passou a se chamar Investigação da Prática Profissional.

Aqui já destaco um fato importante: a decisão por buscar um doutorado na área de Educação deve-se também, entre outros motivos, à necessidade de ampliar meus conhecimentos para atuar no curso de pós-graduação com objetivo de formação continuada de professores. Entendia que minha formação era muito voltada para uma área específica, e que um doutorado em educação me proporcionaria ampliar meus conhecimentos e contribuir de forma mais efetiva com o curso de pós-graduação do *campus* Osório.

A primeira turma do curso teve início em março de 2014, e a disciplina Investigação da Prática Profissional estava prevista para o segundo semestre do curso, com carga horária de 30 horas semestrais, distribuídas em 2 horas/aulas semanais, e tinha como objetivo proporcionar um espaço de diálogo que contribuísse com a constituição do ser professor de forma coletiva, buscando a partilha de saberes, angústias e desafios, além da construção coletiva de estratégias de sala de aula por meio do estudo dos princípios do Educar pela Pesquisa.

Inicialmente, a ideia era uma disciplina colegiada, organizada por mim e pela professora Fernanda. Minha perspectiva, como docente com pouca experiência em cursos superiores e sem qualquer experiência anterior em nível de pós-graduação, era no sentido de aprender pelo compartilhamento da disciplina com a professora Fernanda e com os demais colegas do curso. Entretanto, por inúmeras coincidências e acasos, que perpassam questões profissionais, familiares e de saúde de diversos colegas do grupo, ao final do primeiro

semestre, com a transferência da professora Fernanda para outra instituição, me vi assumindo a disciplina Investigação da Prática Profissional no curso, seguindo com apoio da professora Fernanda à distância, e em algumas encontros de forma presencial.

Nesse mesmo período, assumi a coordenação do curso, em substituição à professora Maria Augusta Martiarena, que respondia pela coordenação, e se afastou para licença-maternidade. Exerci a função de coordenadora do curso de Pós-Graduação entre meados de 2014 até início de 2015. Confesso que este foi um grande desafio, pois estava começando como docente na pós-graduação, e também assumindo as responsabilidades da coordenação em um curso que estava iniciando suas atividades.

Apesar dos desafios, foi uma experiência importante e enriquecedora para mim, de muito aprendizado em diversos aspectos. Destaco que ministrar aula num curso de pós-graduação é bem diferente de aulas no nível médio; o público é outro e o perfil dos estudantes também. No caso da primeira turma, tínhamos, como estudantes, diversos professores que atuavam em sala de aula, alguns com vasta experiência, e outros que ainda não tinham experiência em sala de aula, mas já tinham alguma formação na área de educação.

Em relação ao perfil da turma, tínhamos uma particularidade que tornava o desafio ainda maior, no meu ponto de vista, pois alguns dos alunos do curso eram colegas do *campus* Osório, que atuavam nas mesmas turmas de ensino médio que seus professores na pós-graduação, e alguns ainda ocupavam cargos de ges-

tão, como coordenação de cursos e direção de ensino, portanto, em cargos de chefia. Essa questão se mostrou um dos maiores desafios para mim, com uma dificuldade de distinguir claramente os papéis em cada situação, uma vez que minha chefia imediata na instituição era estudante do curso. Portanto, as relações de poder e autoridade se invertiam nesse espaço da sala de aula, o que tornava difícil o processo.

Outro ponto que destaco é a questão da obrigatoriedade que os colegas tinham, por questões legais do concurso, de cursarem uma formação pedagógica. O fato de haver oferta na instituição os impelia a fazer o curso, mesmo que contrariados. Isso ficava bem evidente em alguns momentos fora da sala de aula, em outros espaços institucionais, como reuniões, formações pedagógicas e conselhos de classe. Muitas vezes, ouvi como discurso de colegas no sentido de que a formação pedagógica não era relevante, que a formação técnica e o conhecimento na área é o que faz um bom professor, ou ainda, mais pejorativamente, apelidando o curso de “deformação pedagógica”, no intuito claro de desmerecer e desqualificar a proposta do curso de especialização.

Todas essas situações me faziam desacreditar até no meu próprio trabalho e muitas vezes pensar que talvez não fosse mesmo relevante, a tal ponto que seguir com a disciplina até o final do curso se tornou emocionalmente exaustivo para mim. Somavam-se a isso as demandas que chegavam para a coordenação do curso, e que também traziam muitos desafios, embora esses eram de natureza mais burocrática. Apesar de todos os

dissensos, o curso seguia, e a disciplina também.

A disciplina Investigação da Prática Profissional consistia em trazer elementos para compreender a docência a partir das memórias dos estudantes. Portanto, era proposto aos estudantes que escrevessem textos sobre suas experiências escolares, tanto como alunos e/ou como professores. Em aula, as produções escritas eram compartilhadas com os colegas e, a partir de uma roda de conversa e da reflexão coletiva, se produzia o conhecimento sobre ser professor.

Cito como exemplo duas aulas da disciplina que foram muito interessantes. Em uma delas, pediu-se aos estudantes para que descrevessem um professor que foi marcante de forma positiva na sua trajetória escolar, que era considerado um bom professor, e destacassem por que esse professor foi marcante, que características o tornavam um bom professor. Na sequência, fazendo um movimento reverso, deveriam indicar um professor que foi marcante de forma negativa na sua trajetória escolar. Em aula, a proposta era compartilhar os textos e produzir reflexões em conjunto com o grupo sobre a formação do professor e como ela está vinculada com sua trajetória escolar e acadêmica.

Apesar das críticas, sobretudo de colegas da instituição, a percepção, de forma geral, é de que os estudantes da comunidade externa valorizavam o curso, demonstravam-se interessados e comprometidos com a proposta de formação continuada. Nessa turma, pude acompanhar duas estudantes como orientadora de seus trabalhos. Ambas possuíam licenciatura em Matemática e experiência docente em sala de aula. Mas


pouco ou nenhum conhecimento sobre os processos de pesquisa e escrita acadêmica, algo que não havia sido contemplado na formação inicial.

Esse é um ponto relevante que gostaria de trazer. A proposta do curso visava a uma formação continuada e se propunha a trazer elementos para a construção de um professor reflexivo sobre sua prática, capaz de analisar e produzir conhecimentos por meio da pesquisa. Na proposta inicial do curso, o trabalho de conclusão consistia em uma monografia, preferencialmente sobre um projeto de intervenção, relativo à prática docente. Destaco, portanto, a relevância do curso nesse sentido, quando promove o contato com a pesquisa científica e a escrita acadêmica, produzindo e registrando conhecimentos a partir das práticas docentes.

Outro ponto relevante é que o curso se destaca como verticalização do ensino na instituição, uma vez que temos duas licenciaturas na instituição, e que temos registro de estudantes que passaram pelo Ensino Médio Integrado, cursaram licenciatura e ingressaram na pós-graduação no IFRS *Campus* Osório. Portanto, um curso pioneiro na formação de professores no *campus* Osório, sendo anterior às licenciaturas, tendo começado por uma demanda interna e pela mobilização de um grupo de docentes, e que mostra a sua potência, completando 10 anos de existência e resistência na instituição.

Finalizo meu relato apontando que a trajetória do curso de Pós-Graduação em Educação Básica Profissional do IFRS *Campus* Osório, assim como minha própria jornada acadêmica e profissional, evidencia a

relevância da formação continuada para docentes, sobretudo em uma instituição que abarca educação profissional e diversos níveis e modalidades de ensino. Os desafios e as resistências encontradas ao longo do caminho foram fundamentais para o fortalecimento do curso, que hoje, 10 anos após sua criação, se consolida como um espaço de construção e reflexão crítica sobre a prática docente, atendendo às demandas regionais, e contribuindo significativamente para o desenvolvimento de uma educação mais reflexiva e transformadora.

A row of antique books on a wooden shelf. The books have ornate, gold-tooled spines. The text "Experiências nas primeiras turmas" is overlaid in the center in a bold, black, sans-serif font. The background is softly blurred, showing more books on the shelf above and below.

## Experiências nas primeiras turmas

MISCELLANEOUS  
WRITINGS  
ON  
SLAVERY  
WILLIAM JAY.

DIXON'S  
REMEDY  
FOR THE  
AVERAGE

KIRBY'S  
MILITARY  
PRACTICE

E. B. CROCKER  
LONDON

## **Formação Docente em Ação: um processo de mão dupla como um encontro**

*Aline Silva De Bona<sup>1</sup>*

### **Eu, professora? Estudante? Orientadora?**

Escolhi ser professora de matemática na antiga quinta série do ensino fundamental, pelo encantamento de “ver as mãos, sujas de giz, da minha professora de matemática, que com entusiasmo explicava equação do primeiro grau, (...) com “buscar por encontrar o valor de  $x$ ” que para cada problema era um diferente (...). Depois, quando era solicitada pelos colegas para ajudar a explicar o que a professora tinha proposto e que na minha versão de estudante era mais fácil, segundo muitos. Enfim, escolhida como “ajudante da professora de matemática”, então tinha todos os elementos de que precisava para ser professora. Chegando em casa um dia, minha avó materna Maria, com 86 anos, professora de magistério a vida toda, me disse: “Filha, o pro-

<sup>1</sup> Doutora em Informática na Educação pela UFRGS. Possui graduação em Matemática Instituição e Mestrado em Ensino de Matemática pela mesma Universidade. É professora do IFRS - *Campus* Osório desde 2010. Atuou como docente no Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional entre 2014 e 2019, contudo seguiu com orientações em turmas posteriores.

fessor nunca para de estudar, é incansável no explicar, e se parar não será um, e logo abandonará ou não será competente. Pense bem! Mas tem um belíssimo encontro com o processo, já que a alegria docente é ver seu estudante se superar, e superar o mestre (...)” (1992).

Na época pouco entendi, mas minha avó Maria escreveu uma carta para mim e registrou num texto dramático um diálogo que retratava este e outros elementos, para eu ler, interpretar e pensar ao longo da minha formação profissional (curso superior) e vida profissional (experiências), e muitos outros momentos. Mas é na orientação, no encontro de eu professora e de eu estudante que torno-me orientadora, já que a alegria de um estudante te escolher como a professora que orientará sua pesquisa é mágico, e me permite trocas incríveis de propor e aprender, e de fazer junto. E esse é o meu lugar profissional preferido: a orientação.

Estou na pós-graduação desde sua criação, desde seus primeiros momentos, em 2010, e cada momento foi incrível como professora de mais de uma disciplina, como professora que compartilhou disciplina, e que orientou em diferentes processos de seleção, em que a orientação era escolhida antes do ingresso, durante o ingresso, e em momentos que contemplassem diferentes tempos e amadurecimento do grupo que fazia parte do curso de pós-graduação.

Um desafio ganhei de presente, e expresso assim pois ser escolhida pelos teus colegas de profissão, de IFRS - *Campus* Osório, para orientá-los em suas pesquisas de conclusão de curso da pós-graduação em educação, seja por exigência do edital pela formação

pedagógica, seja porque assim desejaram, e sejam colegas técnicos como docentes, é de uma reconhecimen-  
to sem igual, algo para mim inesquecível, inexplicável.

Aos estudantes que me escolheram pelo currículo, pelo que as pessoas próximas à comunidade acadêmica do IFRS - *Campus* Osório expressam sobre você, então é um significado diferente e também potente pelo que propagamos para além das paredes do nosso *campus*. Paralelamente, quando escolhida pelos estudantes, que ao cursar disciplinas na pós contigo te escolhem, significa que desenvolveu alguma prática, ação, reflexão e outros que lhe fez pensar, ser exemplo, ser uma escolha de pensar junto.

Ufa, três situações únicas. Mas hoje vivo uma quarta situação, pois não sou ministrante de disciplina na

pós, mas sou convidada para desenvolver ações e participações em algumas disciplinas, e/ou sou sugerida, por colegas e outros estudantes, como a professora que domina o contexto da pesquisa do estudante, então, para me procurar, pois tenho competência profissional para tal temática. E esse estudante te “encontra” cheio de

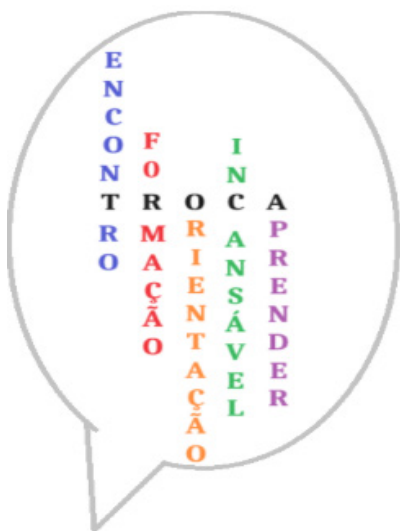


Figura 1: Poema Acróstico sobre a essência da Pós-Graduação no olhar da autora. Fonte: Criação da Autora.

expectativas para fazer o convite: “Minha pesquisa é... quer me orientar?”, “Não sei bem o que pesquisar mas quero algo na área da...”

Então, a magia de orientar trabalhos na pós-graduação em educação é a experiência, o saber, a essência de ser professora. Sou professora de matemática no IFRS - *Campus* Osório desde 2010, Doutora em Informática na Educação e Pós-Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem de Matemática, além de Líder do grupo de Pesquisa - MATEC - Matemática e suas Tecnologias. Atualmente, não ministro disciplinas na pós-graduação do nosso *campus*, mas oriento trabalhos de conclusão de curso, como sempre fiz em todas as turmas e sempre farei enquanto os estudantes me proporcionarem trocar, aprender a aprender com eles através da pesquisa.

### **Uma ação em movimento: uma caminhada incansável**

Ao orientar estudantes de áreas tão diferentes, nossas certezas são repensadas e o processo de aprender a aprender se torna essencial, como já dizia Jean Piaget (1977), além da premissa de que para compreender é preciso fazer, isto é, fazer cada etapa da pesquisa com o estudante e, ao fazer na perspectiva de viver seu desenvolvimento ao seu lado, mediando com perguntas, curiosidades e indagações, na mesma proporção que traz teorias e suportes teóricos para se fundamentar as hipóteses que se entrelaçam. Nessa práxis, segundo Freire (1996), se promove a prática pela teórica, e a teoria para a prática num ressignificação da prática docente para assim tornar-se a cada momento um

competente atrelado à geração, ao tipo de escola, ao que se almeja do curso, e todos seus desdobramentos.

O estudante ingressante na pós-graduação, segundo minhas experiências de orientação, que são mais de 20 concluídas, almejam objetivos diferentes:

1) a formação pedagógica para um profissional bacharel/tecnólogo, por exemplo, de área profissional, como enfermagem, engenharia, direito, agrícola, alimentos, informática, contabilidade, psicologia, química, e outras;

2) ressignificado do espaço da sala de aula, como professores de educação física, com pesquisas na temática do idoso, e outro sobre o movimento do surf para reabilitação social, também da história para a arte e seus desdobramentos;

3) professores da área profissional que atuam em cursos da educação profissional, que entendem as tecnologias digitais e com tais precisam de estudos sobre como os estudantes constroem conhecimento para saber planejar de forma a encantar a aprendizagem.

Nas três perspectivas, a orientação é mais do que simplesmente mediar a ação metodologia do desenvolvimento da pesquisa almejada, é trazer um fazer pensar como uma formação que te proporciona ser competente como docente, antes da sua área específica de formação (ZABALA, ARNAU, 2012). Paralelamente, é desenvolver saberes, segundo Tardif (2012), que não são somente curriculares, nem disciplinares, nem saberes de formação profissional e nem saberes das experiências, mas são um complexo, um composto, um mix, ou melhor, são um problema a ser resolvido naquele

momento, segundo o óculo/a perspectiva que se tem sobre sua prática docente na época e conforme o cenário da educação do período que se vive.

Nos complexo conjunto desses saberes mistos se cria o processo de pertencimento (BONA, CAZZAROTTO, 2022), de responsabilidade e de autonomia sobre seu aprender a aprender com sua pesquisa para sua vida profissional e pessoal, tornando a pesquisa um conjunto de saberes ancorados numa aprendizagem colaborativa/cooperativa com o orientador, com as disciplinas do curso, com a troca com os colegas. Na troca acontecem muitos encontros, entre sujeitos pares, objetos de pensar, formas de entender, perspectivas e realidades, diferentes áreas que se contextualizarão, combinações interdisciplinares, e outras que não são possíveis de listar, que não seria possível num curso específico da sua área de formação, mas apenas em cursos de pós-graduação com um olhar para a educação básica e para educação profissional.

E, nesse contexto, a ação do orientador é um ponto de referência para conduzir/permitir/pegar a mão para a caminhada das suas escolhas de pesquisa, segundo sua realidade de atuação profissional, no que tange a educação, as suas concepções de área específica e geral da educação e num patchwork acontecer a enunciação da pergunta, que é ponto alto da pesquisa, onde a espiral de aprendizagem acontece (BONA, 2012). Nessa espiral está a grandeza da ação de orientar em que o professor e o estudante aprendem e se transformam em prol da educação.

Além da orientação, ser membro de banca de defesa de monografia é um outro ponto de aprendizagem

novamente dupla, sob a perspectiva de que teu colega orientador te convida juntamente com o estudante. Momento de leitura, de avaliar, de pensar junto, que é de troca incrível, que transforma e proporciona uma práxis, e uma transposição didática única, pois não é parte da pesquisa, e se torna parte com mérito para sugerir, agregar e promover um momento de reflexão para a educação sobre muitos contextos e olhares, desde as temáticas escolhidas, até dos papéis de cada um no espaço escolar. Esse encontro é complementar ao encontro da orientação e que se permite a arte de devir quando na sala de aula, em momento posterior para todos os sujeitos, e então a magia da formação da pós-graduação.

### **O fazer e o ser no curso e para fora do curso: uma apropriação que muda o olhar para a educação em prol a geração atual**

O curso da pós-graduação é uma peça chave para atender às demandas dos profissionais da educação, sejam eles de saberes de formação inicial para isso ou em decorrer das escolhas hoje atuam na educação, como citado na seção anterior. Além disso, proporciona um espaço de formação continuada, de pensar hoje para a essência de Planejar Docente, pois é nesse que reside a inovação, a mudança, a metodologia ativa, e toda a mudança no nosso processo e cenário educacional. Esse tempo de formação continuada é uma interlocução para mais estudos como *stricto sensu*, ou uma nova formação básica de nível superior, ou uma mudança de perspectiva, mas todas agregam o movimento de pro-

mover uma educação com qualidade e em prol do desenvolver o pensamento crítico no estudante por ora e profissional em outra hora. Como todo curso, a pós já tem sua história própria, e eu a minha como docente com ela, e estudante também, já vivi momentos de conquistas eufóricas como estudantes hoje já doutores, concursados e mais, e outros que não estão mais entre nós na terra, mas seus elos familiares permanecem presentes em escritas e registros em prol da educação. E ainda estudantes que se desafiaram a estudar Direitos Humanos numa perspectiva na área do Direito no ensino médio e estavam na linha de ponta da disciplina que hoje inclusive é obrigatória em cursos de licenciatura, denominada Direitos Humanos, e o que este movimento jurídico proporcionou para a evolução da Educação Inclusiva. Então a pós, num primeiro momento é *latu sensu*, mas ao empoderar seus estudantes quanto a pesquisa, e o quanto essa pode conquistar espaços e mudar pessoas/profissionais ela se aproxima de formar tangente, quase secante com o *stricto sensu*.

Num processo encadeado também um estudante da informática querer pesquisar a discutir a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) com sugestões inclusive de implementação, então um processo mágico se vive na ação de orientar os estudantes do curso da pós, e é um espaço encantado que a pós-graduação deve ter vida longa e jamais abandonar a construção de pesquisa final, do trabalho de conclusão de curso, seja como monografia ou artigo, mas permitir ao estudante enunciar sua pergunta e responder ela com as bases que escolher, é um processo de estar competente

e de entender que esse é permanente, incansável e que a rede de apoio, de estudo, dos pares e dos programas de lato e stricto sensu estão diretamente ligados e relacionados a esse movimento em prol da educação para um e deste com todos.

Enfim, o encontro da orientação e da formação é de mão dupla e está ancorado no planejamento docente, que é diretamente proporcional para estar competente como docente. Formação docente inicia com títulos e deve ser eterna, independentemente de títulos, para um fazer docente que mobiliza o aprender a aprender.

Vida longa e eterna ao curso de Pós-Graduação do IFRS - *Campus* Osório, que completa seus dez anos com a lógica da diversidade, do autoconhecimento e da essência de aprender com trocas, e pela busca por cada vez mais tempos, espaços e oportunidades de formação, pois a formação docente é um espaço único e essencial para a Promover a Educação de Qualidade em qualquer área do conhecimento.

Gratidão estudantes e colegas por aprender a aprender a ser competentes com todos vocês em prol de atender o objetivo de promover uma educação de qualidade para todos.

## **Referências**

BONA, Aline Silva De; CAZZAROTTO, Simone. Práticas Cooperativas que favorecem a Permanência, o Êxito e o Pertencer no Ambiente Escolar. In: LORENZET, Delóize. et all (Organizadores). São Paulo, SP: Pimenta Cultural, 2021.

BONA, Aline Silva De. Espaço de Aprendizagem Digi-

tal da Matemática: o aprender a aprender por cooperação. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIAGET, Jean. Abstração reflexionante: Relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, [1977] 1995. 292 p.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Editora Vozes Ltda, 2012.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências . Porto Alegre: ArtMed, 2010

## É bom olhar pra trás e admirar as coisas que soubemos fazer

Andréia Meinerz<sup>1</sup>

Ingressei como professora de Filosofia do IFRS em novembro de 2010, nomeada para trabalhar no *campus* Osório. Quando assumi, ainda atuávamos num local improvisado, alocadas na antiga sede da Escola Municipal Osvaldo Amaral. Os Institutos Federais eram instituições muito recentes, na fase de implementação e expansão. Orgulha-me saber que fiz parte da construção dessa história, que teve como marco a Lei 11.892/08, mas que iniciou muito antes, nas articulações para instituir a maior política pública de educação profissional do nosso país.

Minha trajetória como estudante e como professora foi e é intrinsecamente ligada ao ensino profissionalizante. Fui estudante de escola pública e no nível secundário, cursei Processamento de Dados na Escola Estadual 25 de Julho em Ijuí. Anos depois, trabalhei

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2000) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). Atualmente, é professora do IFRS - *Campus* Restinga. Foi docente do IFRS - *Campus* Osório de 2010 a 2015, entre 2014 e 2015 atuou como docente no Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional.

como educadora no projeto FORMASUS, na área da saúde em São Leopoldo. De 2002 a 2010, concursada como professora da rede estadual de ensino do RS, atuei em escolas técnicas da região metropolitana de Porto Alegre – o Mascarenhas de Moraes, em Cachoeirinha, e o Irmão Pedro, no Bairro Floresta, em Porto Alegre, respectivamente. Concomitante a isso, colaborei no Movimento Sem Terra, no Instituto de Educação Josué de Castro - hoje sediado em Viamão - na época, em Veranópolis. Essa experiência foi crucial e formativa em diversos sentidos, principalmente porque me oportunizou atuar em cursos integrados regidos pela pedagogia da alternância e por processos de aprendizagem de educação popular.

Em 2008, concluí o Mestrado em Filosofia na UFRGS e, em 2010, fui nomeada como docente do IFRS no *Campus* Osório, onde permaneci até 2015. O IFRS foi um divisor de águas em minha vida. Em meados de 2015, via edital interno de remoção, vim para o *campus* Restinga, onde estou até hoje. Atualmente, concluo um doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural na UFRGS. Minha pesquisa de campo sobre a incorporação da agroecologia nos IFs, realizei no IFPA *Campus* Castanhal, antiga escola agrotécnica federal.

Contextualizo essa trajetória ligada à educação, porque estar em contato direto e contínuo com distintas possibilidades de ensino profissionalizante, foi valioso e pedagógico para minha formação continuada como educadora. No entanto, a prática não se sustenta sem teoria, assim como as teorias sem as práticas se

esvaziam. Ainda mais num ambiente de ensino “tecnológico e científico”, com pessoas advindas de tantas áreas do conhecimento, que geralmente não tiveram pouco ou nenhum contato com as formulações ontológicas e epistemológicas do campo educacional e sociológico. Só por isso já se justificaria a importância da implantação e implementação, em 2014, da Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Educação Básica e Profissional no contexto interno do IFRS. No entanto, ia além, pois acabou se desenhando uma promissora oportunidade de suprir uma lacuna de formação de professores e professoras no litoral norte do Rio Grande do Sul e pessoas com outras formações que já exerciam ou que gostariam de adentrar na carreira docente.

A primeira experiência que o *campus* Osório teve, ainda em 2011, que seria o embrião desta pós que agora completa uma década, foi exitosa e surpreendeu a todos nós pela alta procura de pessoas já licenciadas. Essas pessoas buscavam uma oportunidade de formação continuada, numa instituição pública, gratuita e de qualidade. Sou desafiada a buscar na memória o que me lembro daquilo que marcou a minha rápida passagem por este curso de 2014 a 2015. Lembro-me que estudava muito para preparar as aulas de Filosofia da Educação. No período, eu fui para a Faculdade de Educação da UFRGS estudar sobre os fundamentos do ensino médio integrado e da educação politécnica. Queria entender por que esses eram princípios fundantes na lei dos IFs. Comprei livros novos, busquei ajudas, foi um momento que constatei, mais uma vez,

que para ser melhor professora é preciso estudar, pesquisar, participar de grupos, algo que algumas colegas sempre me inspiraram.

Dentre essas colegas inspiradoras, destaco a Tina, nossa professora de Artes, que se tornou amiga. Nesse ínterim, Tina adoeceu, o câncer voltou a lhe assombrar. Ela era mineira e precisou retornar a Belo Horizonte para o tratamento. Isso nos abalou enquanto grupo. A coordenadora, que na época era a Elisa, se não me engano, realocou os orientandos da Tina para outros professores. Lembro-me que estava com o Sandro, que era professor de Filosofia. Ele trouxe seus estudantes para participarem e atuarem na Olimpíadas de Filosofia, cuja etapa estadual foi no *campus* Osório, por protagonismo dos nossos estudantes que decidiram e articularam o evento.

Emociono-me ao lembrar quanta coisa incrível e bonita fizemos no *campus* Osório, e só o fazíamos porque éramos um coletivo de servidoras e servidores engajados. Como a Tina, que “acabou indo embora cedo demais”, também partiu abruptamente a Agnes, nossa colega de música, sempre presente nos eventos mais marcantes junto com estudantes, musicalizando nossas vidas. Ambas deixaram marcas na paisagem e nos nossos corações. A arte não passa incólume.

Lembro-me da parceria do professor Olavo, antropólogo que hoje está na UFRGS, da Maria Augusta e seus estudos de memória fotográfica da história da educação, da Elisa, a mais humana das exatas, da Aline Bona e seus abraços alegres. Era um grupo bonito, apesar das diferenças, pois elas sempre existem. Todos

os processos de construção de algo são feitos também de contradições. E olhar para trás e exaltar apenas um passado bonito, emocionante, não passa de nostalgia. Entendo que este escrito é também um processo de elaboração do vivido. Avaliar é também celebrar, como me ensinou meu orientador no doutorado.

Alguns fatos merecem registro também para que não se repitam. Dois acontecimentos específicos me marcaram. Um virou chiste, uma piada interna. Uma atividade de celebração/avaliação do curso foi preparada com muito carinho pela Elisa, no final de 2014. Então, um dos escritos resultantes dessa atividade nos chocou: havia uma reclamação de que nós, professoras, (ou alguma professora) usava batom vermelho e isso era considerado antiético. Refletimos sobre isso, refletimos sobre o que é ética. Refletimos sobre a relação entre ética e moral. E chegamos à conclusão de que isso era mais da ordem do moralismo – um primo-irmão do machismo. A maioria das professoras do curso eram mulheres. E todas combinaram de usar batom vermelho. Na época, as redes sociais estavam coincidentemente pululando temáticas feministas e, coincidentemente, um vídeo sobre usar batom vermelho como resistência viralizou em 2015.

Episódio marcante e um dos maiores desafios para nós, na época, era dar aulas a colegas, pois os lugares e os papéis se confundiam. Por exemplo, em determinada situação, um estudante-colega resolveu não entregar um trabalho, algo absolutamente compreensível. No lugar de professora, cobre, pois precisava fechar as avaliações. E ele me disse uma frase mais ou menos as-

sim: que eu deveria “abrir as pernas” e dar uma chance. É uma expressão comum como tantas outras que usamos “inocentemente” no linguajar gaúcho. Fiquei incomodada, não sabia como proceder e me resenti com tal dito. Se fosse hoje, procuraríamos as instâncias que desenham fluxos para esses casos e o IFRS poderia tomar as medidas cabíveis. Assim como o racismo estrutural nos atravessa, questões de gênero também perpassam, sutilmente ou escancaradamente, os processos institucionais.

O episódio acima foi algo muito pontual. Em geral, os colegas que eram também estudantes, foram respeitosos e comprometidos. As coisas são desafiadoras nos inícios. Havia também, nas conversas de corredores, piadas internas que buscavam deslegitimar ou desqualificar o curso, chamando-o de “deformação de professores”. Felizmente, isso foi superado e como é uma exigência legal da instituição a formação pedagógica para quem ainda não a possui, a procura virou algo corriqueiro.

No contexto geral dos IFs, esses aperfeiçoamentos são importantes, por isso estão previstos na lei cursos de pós-graduação lato sensu, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento. Uma situação muito comum nas demais IES, uma vez que, conforme Pimenta e Anastasiou (2014), vários profissionais adentram a docência no ensino superior sem noção do que é ser professor. “Se trazem consigo imensa bagagem de conhecimentos nas suas áreas de pesquisa e atuação profissional, na maioria das vezes, nunca se questionaram sobre o que significa ser pro-

fessor”, (p. 104), o que é especialmente grave quando se sabe que nos IFs esses docentes atuam do ensino médio a pós-graduação. Mais uma contribuição dos Institutos Federais para os territórios onde estão inseridos: formar professores.

Por volta de 2013, realizamos um evento em conjunto com o Ministério Público, na biblioteca pública municipal, no Largo dos Estudantes. Nesta feita, o falecido e saudoso professor Benito Barbosa Izolan – figura essencial na história da educação de Osório – me disse: “a compreensão do que significa culturalmente o IF para a cidade de Osório e Região só se dará daqui a 20 anos”. Essa frase do professor Benito me marcou. Não me lembro de suas palavras exatas, mas lembro-me do sentimento que sua fala provocou e jamais esqueci o sentido e o alcance da percepção daquele sábio senhor, com larga experiência no campo educacional.

Das contradições que nos habitam: eu que sempre fui apaixonada em refletir sobre a memória; que tanto estudei a questão da experiência em Walter Benjamin; que coordenei por anos o projeto “O tempo nosso de cada dia” e tive a felicidade de ter colegas e estudantes acreditando na brincadeira linda que foram as Cápsulas do Tempo; lamento que não preservei nenhum diário de campo da época. Por causa disso, perdi e-mails e fotos sobre a construção e implementação da nossa pós. Não encontro registros materiais sobre este rico processo. Perdi e-mails, pois mudei de *campus*, mudei de aparelho celular. Sufocada pelas demandas do dia a dia, não cuidei de colocar os acontecimentos vividos em diário. O uso do diário é prática de escrita prazero-

sa que auxilia preservar a memória física dos acontecimentos e processos. Ao materializar esses registros históricos de formas não convencionais, podemos driblar o risco de perder o excesso de informações que nossos dispositivos eletrônicos revertem em falta.

Todo excesso esconde uma falta, ou a disfarça. E nosso excesso de registros pode se dispersar e não criar profundidade. E, assim, desperdiçamos tempo, energia e recursos numa tentativa quase obstinada de registrar tudo sem aprofundar nada. Por isso, agradeço e parablenizo aos colegas pela organização deste livro, que é imprescindível no sentido de elaboração, aprofundamento e registro genuíno daquilo que nos foi significativo.

## Referências

CÁPSULA DO TEMPO. *Atividade I - Cápsula do Tempo*. Tempo Nosso de Cada Dia, 6 set. 2011. Disponível em: <https://temponossodecadadia.blogspot.com/2011/09/capsula-do-tempo.html>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

JOUTJOUT PRAZER. *Não tira o batom vermelho*. YouTube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>. Acesso em: 22 de agosto de 2024.

Pimenta, S. G. & Anastasiou, L. G. C. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2014.

## Um Ponto de Encontro(s)

Maitê Moraes Gil<sup>1</sup>

Em abril de 2013, cheguei ao *campus* Osório do IFRS como professora de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas. Na época, estava cursando o meu doutorado em Letras, com habilitação em Linguística Aplicada. O foco da minha pesquisa de doutorado era a formação de professores de língua portuguesa e, nesse sentido, o envolvimento com o grupo que estava a pensar (e a sonhar com) a Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional foi um movimento muito natural e significativo. Havia, naquele momento, uma vontade compartilhada por um grupo engajado de colegas de fortalecer o IFRS como um polo de referência na formação docente do Litoral Norte, e a pós-graduação representava um passo importante para concretizá-la.

<sup>1</sup> Especialista em Desenvolvimento Docente no Católica Learning Innovation Lab, laboratório de Inovação Pedagógica da Universidade Católica Portuguesa. É doutorada em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil), com um período de colaboração na Universidade de Birmingham (Reino Unido). É pesquisadora do Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH-U-CP), realizando também atividades de pesquisa no Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH). Atuou como docente no Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional entre 2014 e 2016.

Nesse contexto, juntei-me ao grupo que estava à frente da elaboração do Projeto Pedagógico de Curso da Pós, ficando responsável pela disciplina “Projeto de Pesquisa”, cujos objetivos incluíam compreender a estrutura básica de construção de um projeto de pesquisa, conhecer as partes constituintes de um projeto, definir um objeto a ser pesquisado e a metodologia de pesquisa adequada para a investigação proposta. Lembro-me de elaborar a símula desta disciplina com a vontade de que ela fosse um convite à pesquisa, que conquistasse os pós-graduandos para o desafio que pode ser o caminho da pesquisa em educação.

O processo de elaboração da proposta que deu origem à Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional foi intenso, marcado por muitas reuniões, muitas discussões e, especialmente, muitas aprendizagens coletivas. Éramos ainda um *campus* pequeno em que todos os processos eram conduzidos por um número restrito de profissionais. Se, por um lado, este acúmulo de funções sobrecarregava a todos; por outro, possibilitava uma união e um espírito de grupo nem sempre presente em instituições muito grandes. Éramos pessoas concretas e singulares dispostas a construirmos novos caminhos.

O grupo de colegas que trabalhou neste processo era interdisciplinar, heterogêneo e com tempos de experiência docente muito diversos. De alguma maneira, tentamos refletir essa diversidade de experiências e vivências na Pós, tornando-a um curso único em sua essência: um curso que acolhesse e reunisse perfis, trajetórias e histórias muito diversos.

Lembro-me de que um aspecto bastante discutido, por exemplo, foi como faríamos a seleção dos candidatos para a Pós. Dentre as muitas ideias que surgiram, optamos por incluir a solicitação de um memorial descritivo no processo seletivo. Com isso, queríamos avaliar as relações do percurso profissional do candidato com seu interesse pelo curso, dando oportunidade para que os candidatos se apresentassem como pessoas (não apenas como profissionais) através de um texto autobiográfico. Foi, para nós, uma tentativa de tornar o processo de seleção mais humano, mais inclusivo, dando visibilidade às vivências dos candidatos (que, certamente, seriam tão distintas quanto às do grupo de servidores envolvidos na Pós).

Foi com muita alegria que este grupo recebeu a primeira turma em 2014. Eram 30 profissionais com percursos bastante diferentes e dispostos a pensar e a fazer “educação”. Acabei por não ministrar aulas a esta turma, pois afastei-me para desenvolver parte do meu doutorado na University of Birmingham, na Inglaterra, no segundo semestre de 2014, quando a disciplina de Projeto de Pesquisa foi ofertada. Tive, ainda assim, três orientandas nesta turma: a Cleusa, a Karine e a Kátia. E, como a Pós foi, desde o seu início, centrada nas pessoas e na diversidade de seus percursos, faz-me sentido dedicar a elas um espaço neste relato.

A Cleusa era graduada em Processos Gerenciais e não tinha experiência alguma na área da Educação. Também não tinha prática no desenho e na condução de pesquisas. Esse perfil, teoricamente distante das exigências de uma Pós-Graduação em Educação,

era complementado, contudo, por muita vontade de aprender e por uma dedicação incrível. Ela desafiou-se, no trabalho de conclusão, a elaborar um roteiro de mediação de leitura para o gênero “caso de ensino” como uma estratégia de ensino em aulas de disciplinas da área de Administração, possibilitando que os alunos aplicassem os conceitos teóricos aprendidos a uma situação real. O seu percurso na pós foi exigente e intenso. E, no final, nós duas aprendemos muito. Mais que o trabalho de conclusão, a Cleusa vivenciou uma imersão no universo da educação e, certamente, reformulou a sua compreensão sobre os processos de ensino e aprendizagem e sobre as relações no contexto educativo.

A Karine era graduada em Nutrição e seu contato com o mundo da Educação era recente, oriundo de um desafio profissional assumido pouco antes de iniciar a Pós, nomeadamente, promover um programa de educação alimentar e nutricional em escolas de um município do Litoral Norte. Ela já tinha uma especialização e, por isso, não era iniciante nos caminhos da pesquisa. A Karine foi muito autônoma e comprometida na realização do trabalho de conclusão, em que se dedicou ao desenvolvimento do tal projeto de educação alimentar e nutricional em escolas municipais de ensino fundamental, do 1º ao 4º anos. Para tanto, ela delineou as necessidades através dos questionários aplicados às professoras, planejou os temas a serem trabalhados, desenvolveu os temas com o grupo de professores e apoiou a implantação dos módulos nas escolas. A Karine já tinha um percurso profissional consistente e

encontrou na Pós o apoio que precisava para lidar de maneira muito competente com um desafio pontual com que se deparou.

A Kátia era licenciada em Letras. Ela vivenciava diariamente a Educação. A Kátia trabalhava em uma escola estadual e dedicava-se integral e intensamente à profissão docente. Por outro lado, ainda não tinha tido a oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre a sua prática. E foi este o desafio que assumiu para o seu trabalho de conclusão: desenvolver uma investigação sobre a sua atuação como uma profissional reflexiva, que, ao refletir sobre a sua prática naquele momento, sentia a necessidade de mudança. Nesse contexto, ela analisou a mudança de paradigma no seu trabalho com as formas linguísticas no continuum entre a prática de ensino de gramática e a prática de reflexão linguística. Ao iniciar a Pós, a Kátia já era uma professora competente, comprometida e apaixonada pelos seus estudantes, mas a Pós possibilitou-lhe um momento para refletir sobre a sua atuação diária, traçar novos significados para a sua prática docente e reorganizar a sua compreensão e o seu papel como professora de Língua Portuguesa.

A Cleusa, a Karine e a Kátia são, para mim, uma amostra rica daquilo que a Pós representava para o grupo que a “pensou”. Elas reúnem percursos pessoais, profissionais e de pesquisa totalmente distintos, que tiveram na Pós um ponto de encontro, uma oportunidade de diálogo.

Nesses encontros, também eu aprendi. Essas orientações desafiaram-me a pensar a educação de forma

interdisciplinar, a deslocar-me para outros pontos de vista sobre um mesmo objeto, a compreender como poderia contribuir para a formação de professores para além da minha área de origem, para além das Letras. Ao acompanhar os percursos da Cleusa, da Karine e da Kátia, aprendi a abordar a formação pedagógica na sua interface com diferentes áreas científicas. Acolher essa diversidade nem sempre é fácil, mas é, sem dúvida, enriquecedor.

Foi no contexto da Pós e nas interações com meus colegas e minhas orientandas, portanto, que comecei a trabalhar numa perspectiva de desenvolvimento profissional docente mais ampla que a formação inicial de professores. Sem saber, começava ali um novo caminho também para mim. Atualmente, não atuo mais como professora de Língua Portuguesa e Linguística, nem na formação inicial de professores. Trabalho como Especialista em Desenvolvimento Profissional Docente em uma universidade portuguesa e deparo-me diariamente com o desafio de pensar o fazer docente com colegas de diferentes áreas científicas e com percursos muito distintos.

Estou afastada do IFRS há quase seis anos, então não testemunho mais os diálogos proporcionados pela Pós. Ainda assim, assumindo que um “ponto de encontro” é um local onde pessoas se encontram para interagir, compartilhar informações, trocar experiências e estabelecer conexões, desejo que este curso seja sempre um “ponto de encontro(s)”. Espero que o curso continue sendo um espaço que acolhe perfis e trajetórias diversos, em que muitas outras Cleusas, Kari-

nes e Kátias possam explorar novas possibilidades e construir muitas aprendizagens; em que a Educação seja abordada na sua complexidade. Por tudo isso, desejo vida longa à Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional do *campus* Osório! Vida longa aos seus encontros e diálogos!

## **Experiências no curso de Especialização em Educação Básica e Profissional no *campus* Osório: multidisciplinaridade e múltiplos aprendizados**

*Rafaela Fetzner Drey*<sup>1</sup>

Há exatos 14 anos, em outubro de 2010, iniciei minha trajetória profissional docente no Ensino Técnico, quando cheguei no *campus* Osório, como professora efetiva na área de Letras (Língua Inglesa e Língua Portuguesa). Apesar de já possuir anteriormente quase 10 anos de experiência como docente em escolas públicas estaduais e também em cursos livres de idiomas, o processo de construção de minha docência como professora no contexto do ensino técnico na rede federal trouxe consigo muitas possibilidades; mas também grandes desafios. Minha formação como licenciada em Letras – habilitação Português/Inglês, mestre e doutora em Linguística Aplicada (uma área da ciência linguística que apresenta aderências a outras áreas do humano), aliada à experiência prévia no ensino básico

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Habilitação Português/Inglês. Mestre e Doutora em Linguística Aplicada. Professora de língua inglesa há 24 anos, sendo 14 destes no IFRS. Atuou como docente no Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional entre 2014 e 2016.

e na participação em projetos de pesquisa que se debruçavam sobre o contexto de ensino/aprendizagem, foi essencial para os primeiros passos dentro de uma instituição federal, mais especificamente no contexto do ensino técnico e tecnológico – a respeito dos quais meu conhecimento e afinidade eram muito preliminares à época.

Concomitantemente, o contexto de atuação em um Instituto Federal ampliou minhas perspectivas de atuação docente dentro do panorama da indissociabilidade, pois, além das atividades de ensino, especialmente no tocante à regência de sala de aula, pude inserir-me em atividades de extensão, envolvendo o *campus* à comunidade externa; e, sobretudo, de pesquisa – o pilar que solidificou muito da minha trajetória como professora na instituição e que conduziu, de forma natural, minha inserção no curso de especialização.

Por ter uma formação na área propedêutica, em língua inglesa e língua portuguesa, minha atuação docente sempre se deu em cursos pertencentes a todos os eixos tecnológicos (seja através da língua inglesa ou da língua portuguesa e produção textual). Essa “versatilidade” em minha atuação ampliou as oportunidades de desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares em consonância com as áreas técnicas do conhecimento, em especial ao eixo de tecnologias e seus respectivos cursos.

Os caminhos percorridos de forma entrecruzada nesses dois primeiros anos de *campus* Osório, (re)conhecendo as especificidades da rede federal de ensino técnico e tecnológico e, ao mesmo tempo, me inserindo

em diferentes área, conduziu minha atuação da formação de professores.

Assim, minha participação no curso se deu em dois momentos: no primeiro deles, o curso era voltado à formação/complementação pedagógica, destinado especialmente aos colegas docentes e público em geral que não possuíam formação em licenciatura, mas tinham interesse em atuar como docentes em suas áreas técnicas/específicas. Nesta primeira edição, tive a oportunidade de orientar o trabalho de conclusão de curso (à época, em formato de artigo) de uma professora de língua inglesa da rede pública de Terra de Areia, Camila Santin König. Essa orientação foi um marco para mim, pois foi minha primeira experiência como orientadora.

Em um segundo momento, o curso de formação pedagógica passa por uma importante reestruturação, sendo concebido como um curso de pós-graduação *latu sensu*, em nível de especialização, se consolidando como “a pós em Educação Básica e Profissional” que hoje conhecemos. Nessa etapa, estive envolvida mais diretamente na reformulação do projeto pedagógico e, principalmente, na matriz curricular.

Essa mudança no status do curso demandou um maior aprofundamento em disciplinas que abordassem métodos de pesquisa, visando ampliar o conhecimento acadêmico dos pós-graduandos e, mais além, propiciar a construção gradativa dos trabalhos de conclusão de curso de forma coletiva e reflexiva. Foram propostas duas disciplinas, nas quais trabalhei diretamente na construção das ementas: Pesquisa em Educação e

Projeto de Pesquisa. Na primeira, o objetivo era apresentar aos estudantes conhecimentos básicos sobre pesquisa em educação: como delimitar objetivos e um objeto de estudo, como selecionar referenciais teóricos e métodos, como analisar dados; além de elementos da estrutura de um projeto. Na segunda disciplina, de caráter mais prático, foram apresentadas técnicas e estratégias de escrita acadêmica, ao mesmo tempo em que foram desenvolvidos os projetos de pesquisa de cada aluno do curso.

A primeira turma do curso contou com diversos perfis de estudantes: colegas da instituição, especialmente professores do próprio *campus* Osório pertencentes a áreas técnicas, como Informática, Contabilidade e Administração; alunos egressos de cursos superiores do próprio Instituto Federal (consolidando a verticalização do ensino, uma característica dos institutos federais); e também graduados da comunidade advindos de diversas áreas. O caleidoscópio formado pelas áreas de formação inicial dos discentes do curso ampliou as perspectivas do mesmo a partir da emergência de um espaço formativo inter e multidisciplinar, no qual perfis distintos de profissionais contribuíram para enriquecer as práticas em sala de aula e as reflexões acerca dos projetos, compartilhados ao longo dessas disciplinas ministradas por mim.

A mudança de “status” do curso de formação pedagógica para uma pós-graduação representou muito mais do que um nível diferente de ensino em termos de titulação; foi principalmente uma virada de perspectiva resultante do amadurecimento do grupo docente

engajado no desenvolvimento do curso, tomando como referência as experiências vivenciadas anteriormente, as mudanças sociohistóricas no contexto da região do Litoral Norte, e também o anseio da instituição em ofertar cursos de outros níveis que pudessem dar conta das demandas apresentadas pela comunidade.

Este cenário pode ser exemplificado de forma mais concreta pela temática de dois trabalhos de conclusão de curso que orientei naquele momento. As orientandas tinham como formação inicial Relações Públicas e Tecnologia e Processos Gerenciais. Ambas demonstravam forte interesse pela docência em suas áreas; portanto, além do desafio de orientar trabalhos em nível de pós-graduação pela primeira vez, foi necessário refletir, pesquisar e discutir possibilidades para estabelecer pontos de contato entre suas áreas de origem e a formação pedagógica para atuação na educação básica e profissional.

Após uma caminhada cheia de aprendizados, atingimos a superação em ambas as produções, alinhando as áreas técnicas de origem das estudantes à área do ensino. Rocheli, profissional da área de relações públicas, concluiu seu curso com um trabalho marcante, no qual investigou como se dá a constituição de sua própria profissionalidade docente a partir dos relatos escritos que avaliaram sua atuação em sala de aula, construídos a partir da observação dos participantes (alunos) nas interações em sala de aula em sua primeira experiência como docente – momento em que ela se encantou com a docência e que a motivou a buscar a formação da Especialização em Educação Básica e Profissional. Este

trabalho reforçou o que o curso representa dentro da área de formação de professores, pois a atividade docente não provém de uma única fonte de qualificação, mas de várias fontes e de diferentes momentos da trajetória profissional de cada educador tendo em vista suas experiências individuais.

Renata, egressa do curso de Tecnologia em Processos Gerenciais do *campus* Osório – no qual também atuou como bolsista de pesquisa de fomento externo sob minha orientação em um projeto cujo objetivo foi a construção de um produto tecnológico que visava didatizar conteúdos da área de gestão – já demonstrava afinidade com a área do ensino desde a graduação. O curso de especialização ampliou sua possibilidade de atuação como docente na área de gestão. Em sua pesquisa de conclusão de curso, a discente construiu um material didático para o trabalho em sala de aula com gêneros textuais essenciais na atuação do futuro profissional marketing – disciplina na qual Renata estava atuando como docente em um curso técnico do programa Pronatec, em nível FIC (Formação Inicial e Continuada). O referido material foi testado por ela em suas turmas, tendo obtido ótimos resultados e validando a metodologia de ensino desenvolvida.

Os resultados dos trabalhos supracitados demonstram claramente o impacto social do curso de especialização tanto em um nível micro (na formação profissional individual das pós-graduadas); quanto em um nível macro, ao confirmarem, através dos resultados das pesquisas desenvolvidas, o aprimoramento das práticas educacionais geradas dentro do curso de pós-

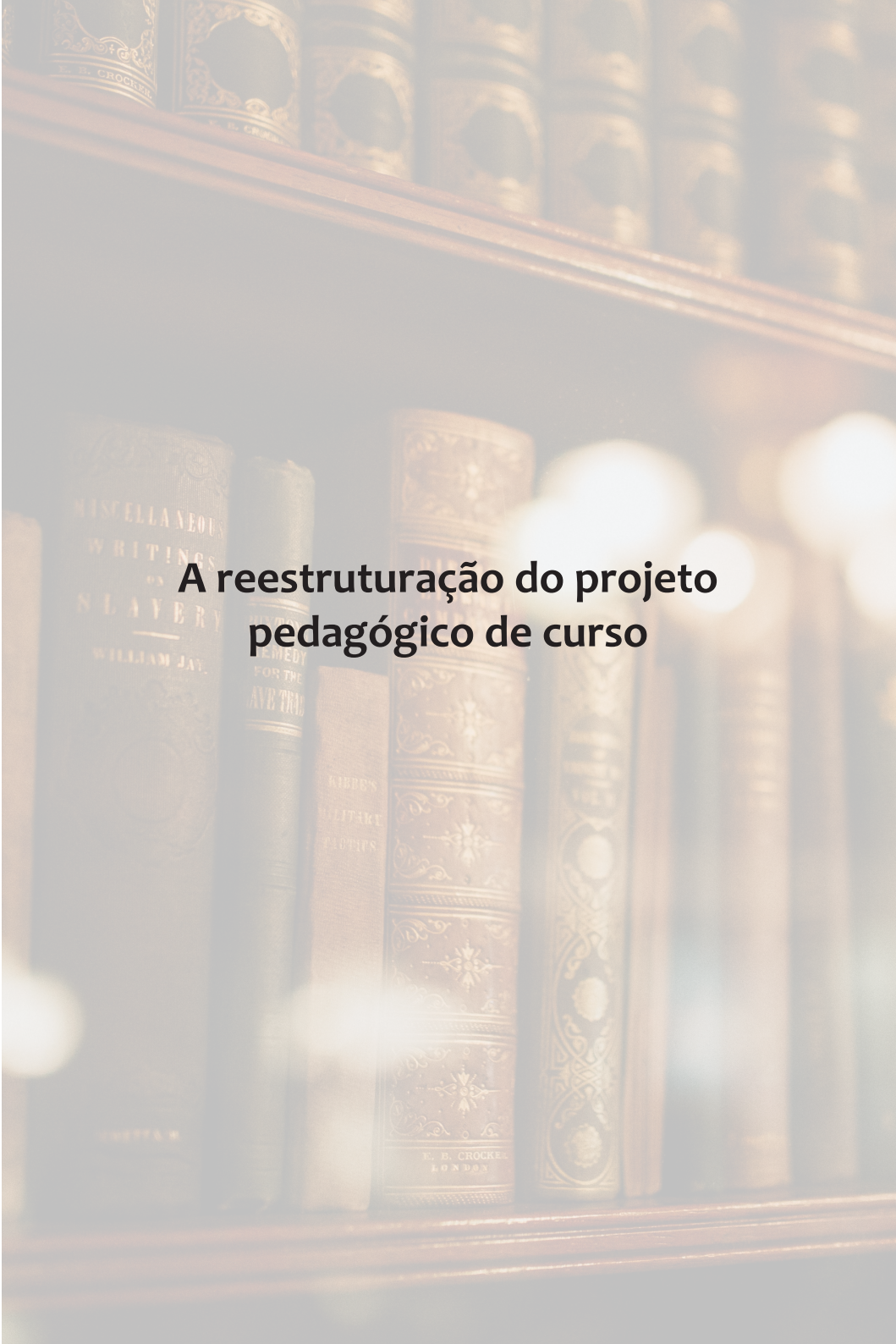
-graduação. Outro aspecto relevante a ser destacado é o fato de que ambas as egressas continuam atuando na área de ensino, o que reforça, novamente, não apenas o impacto e a importância do curso para a comunidade da região do Litoral Norte, mas principalmente seu potencial multiplicador, ao vermos profissionais egressas atuando no ensino, divulgando a instituição e, mais além, ampliando a oferta de ensino qualificado a partir de sua formação.

Desde então, o curso vem crescendo, ampliando seu potencial e reconstruindo-se em acórdância com as mudanças na sociedade contemporânea – refletidas diretamente no âmbito educacional. A importância de um curso de Especialização em Educação Básica no Litoral Norte do Rio Grande do Sul é extremamente significativa, pois representa a superação do próprio *campus* em elevar cada vez mais a qualificação profissional docente, permitindo que educadores aprimorem suas habilidades e conhecimentos, o que se traduz em uma educação de melhor qualidade para os alunos a partir do desenvolvimento de práticas inovadoras – visto que a formação continuada estimula a reflexão sobre práticas pedagógicas, incentivando métodos mais eficazes e criativos, que podem impactar positivamente o aprendizado dos estudantes.

Os exemplos supramencionados ilustram o potencial de incentivo da pesquisa em educação fomentado pelo curso, contribuindo para a produção de conhecimentos que podem ser aplicados na prática pedagógica e no desenvolvimento de políticas públicas. Nessa linha, convém ressaltar o contexto regional do Litoral

Norte, que possui características socioeconômicas e culturais únicas. Um curso de especialização que leva em conta as especificidades desta realidade é capaz de abordar esses aspectos preparando os professores para lidar com as singularidades da região. Além disso, o perfil do curso, por contar com discentes de áreas diversas, apresenta um alto potencial de colaboração e consolidação de uma rede de apoio profissional, promovendo uma rede de compartilhamento entre profissionais da educação, facilitando a troca de experiências e a construção de parcerias que beneficiam a população e as instituições educacionais locais.

Nossa formação continuada em nível de especialização em Educação Básica e Profissional capacita profissionais a atuarem como educadores que atendam às diversas necessidades dos alunos, promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa. Esses fatores juntos podem contribuir para a melhoria da qualidade da educação na região, impactando não apenas os alunos, mas toda a comunidade.



**A reestruturação do projeto  
pedagógico de curso**

## Pós-graduação em tempos de covid

Alexandre Lobo<sup>1</sup>

O que se segue é um relato a partir de minha memória. Friso isso, que pode parecer um pouco redundante, para me isentar de eventual erro cronológico, já aviso: é memória. Não se trata de um resgate histórico, acadêmico, com texto rebuscado, cheio de citações e bibliografia. Não, é o que me lembro, sem muita preocupação com a exatidão das datas. Sem uma escrita técnica. O Tom, portanto, é bastante informal. Então, vamos lá.

Me chamo Alexandre Lobo, mais conhecido como Prof. Lobo. Meu nome de batismo é Alexandre Ricardo Lobo de Sousa. Mas é muito extenso, e com o qual não me identifico totalmente, então é melhor mesmo prof. Lobo. Tenho formação em Ciências Sociais, Licenciatura e Bacharelado, e História, Licenciatura, cursados ao longo da década de 1990. Fiz Mestrado em Histó-

---

<sup>1</sup> Possui doutorado em Literatura Brasileira, Mestrado e Licenciatura Plena em História, e Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realiza pesquisas na área de História, Literatura e Sociologia, com enfoque nas questões relativas ao trabalho, às desigualdades sociais e às formas de participação política. É professor efetivo no IFRS - *Campus* Osório e atua na Pós-graduação desde 2016.

ria, com uma dissertação sobre o Centro Popular de Cultura da Une, movimento cultural nos anos 60 no Rio de Janeiro. O foco era mostrar que as produções culturais, de certa forma, faziam parte de uma ideologia do desenvolvimento pautada num “evolucionismo” a l”a esquerda” e na ideia de que o socialismo seria inevitável e que a cultura seria o pilar para a transformação da mentalidade e preparação para o novo formato da sociedade. Minha tese fugiu um pouco da área e foi em Letras, Literatura, sobre o romance o Tempo e o Vento, de Erico Verissimo, e os Donos do Poder, de Raimundo Faoro. Aqui, a proposta era mostrar como ambos autores, embora em linhas diferentes, chegavam a pontos em comum nas respectivas concepções da construção do Estado Brasileiro.

Em minha vida profissional, antes de ingressar no IF, fui professor do Estado em Porto Alegre e Canoas por um longo período, desde o início do século XXI. Também trabalhei nos municípios de Esteio e Sapucaia do Sul ainda no século XX, mas por pouco tempo, em torno de um pouco mais de um ano em cada município citado.

Entrei no Instituto Federal em 2016. Estava acostumado apenas com Ensino Médio de Fundamental, mas, ao chegar, me vi dando aulas no superior e na pós-graduação. Fui um desafio e tanto.

A disciplina que assumi na pós era a “Educação e Trabalho como princípio educativo.” Tive que correr atrás de bibliografia. Adotei textos de Dermeval Saviani, sobre a questão do trabalho como princípio educativo, e Ricardo Antunes, para discutir o trabalho

hoje. Além destes, discutimos o conceito de trabalho a partir do próprio Marx em *Manuscritos Econômico Filosóficos*, de um Marx em transição.

Ao longo dos semestres, e conversando com os alunos, fui percebendo que o curso tinha alguns problemas estruturais, como a forma em que as aulas eram distribuídas, quinta à noite e manhã e tarde de sexta. Ocorre que muitos estudantes, que eram professores da rede estadual, não conseguiam dois turnos de liberação nas sextas.

Em fins de 2017 assumi a coordenação do curso. A Guta ficou como coordenadora substituta. Naquele ano, resolvemos fazer uma aula inaugural convidando um dos responsáveis pela elaboração da lei que transformou os CEFETES em IF, Elizer Pacheco. Ele nos trouxe como fundamento de nossa instituição o resgate de uma formação global, para além do mercado, do capital, e do formato engessado da educação tradicional, uma educação que, antes de tudo, tivesse foco na inclusão.

Uma de suas lições foi o alerta de que o principal inimigo da proposta dos IF's é o próprio funcionário da Instituição, que entrou via concurso, com o único intuito de ter uma fonte de renda favorável. Nesse sentido, portador de uma visão de educação tradicional, bancária, na visão de Paulo Freire, aturaria em dissonância com a proposta do IF, faria sua atividade isolada, sem integração ou diálogo com as outras áreas do saber, fragmentando o conhecimento, repetindo práticas seletivas e exclusivistas, de ensino. Na proposta de criação dos Institutos está a concepção de que

omnilateralidade do conhecimento, em que a realidade não cabe nas caixinhas das disciplinas. A realidade é múltipla, e, por isso mesmo, deve ser entendidas nas ciências como um todo. Nessa visão, há também uma superação da falsa dicotomia entre teoria e prática. É necessário resgatar a visão de que toda a teoria é resultado de uma prática, e que toda prática é guiada por uma teoria. É dialético.

Nesse contexto, os Institutos deveriam buscar uma concepção de Educação diferenciada, focada na produção tecnológica, não voltada para atender ao mercado, mas para dar aos educandos os instrumentos de autorrealização e mesmo emancipação pelo trabalho. Bem, aqui não é o espaço para discutir tais questões, meu objetivo nesse momento foi só pontuá-los, sob o risco de ser demasiadamente superficial e abrir espaços para equívocos interpretativos.

Em 2019, me coloquei como objetivo a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso. Reuni colegas interessados, Guta, Elisa, Kat, Marla, Roberta, Terri-mar, Isabel, e iniciamos o trabalho, que foi construído ao longo do ano. Uma das primeiras mudanças foi no nome do curso, de Especialização em Educação Técnica Profissional para Especialização em Educação Técnica E Profissional. Entendíamos que o acréscimo da preposição “e” era fundamental para a nova configuração do público, pois, se antes o foco era a formação em educação para professores da área técnica, que não tiveram contato com a Escola em suas graduações, agora, como já indicado, o ingressante na nossa pós era oriundo das escolas públicas.

Segundo passo, a desejo da maioria do grupo, foi seguir a ideia dos mestrados e doutorado profissionais, transformando a necessidade de monografia em um “produto”, que pode ser tanto um artigo quanto um material pedagógico. Para dar concretude à proposta, foi criada a disciplina experimental de “Laboratório”, a cargo de Terrimar, Marla e Roberta, frisando o caráter interdisciplinar do curso. Reduzimos também o formato de um ano e meio de disciplina para um ano, e centramos as aulas nas terças, quartas e quintas à noite.

Com Regimento e PPC, construídos ao longo de 2019 e aprovado ao fim deste ano, tivemos a primeira turma em 2020. Infelizmente, mal começamos o curso, tivemos umas duas semanas de aula, e fomos afetados pela política de afastamento como medida de contenção da covid-19.

No início da pandemia, ficamos todos perplexos. Esperávamos que fosse o caso de duas ou mais semanas. Ninguém tinha experiência no assunto, as projeções, pensando hoje, eram otimistas. As aulas e demais atividades de ensino estavam suspensas. Mas o retorno à normalidade não vinha. Todos confinados em casa.

Passou-se um mês, dois, três. Então resolvemos um retorno online. Como fazer com as atividades suspensas? Pensamos em algo que já havíamos feito, uma aula inaugural. Convidamos então para uma palestra online a professora Sita Mara de Sant’Ana, da UERGS daqui da cidade. No dia 06 de maio de 2020, ela proferiu a palestra “Docência e Educação Básica de jovens e adultos: que discurso pedagógico é esse?”. Ela nos trouxe a reflexão sobre a importância de se educar jovens e

adultos que não tiveram oportunidade de estudo em tempo regular, como forma de promoção da cidadania e equidade social. Tivemos uma ótima participação do público, em torno de 53, mais que o dobro dos alunos da pós.

Como a palestra foi um sucesso, pensamos então que a proposta deveria continuar. Para isso, montamos um projeto de extensão que dominamos Ciclo de Palestras da Pós.

Eu, Guta e Elisa, o que chamarei de triunvirato, nos reunimos virtualmente para então organizar os ciclos. O primeiro ciclo de palestras focou-se na relação entre Trabalho e Educação. Seguiu-se a palestra de Sita Mara, Fábio Marçal, que nos apresentou sua tese sobre os Institutos Federais e seus fundamentos, Olga Faletto, que nos falou sobre os efeitos mentais da covid, angústias e ansiedades, Rita Grecco dos Santos, que nos deu uma perspectiva histórica, e Olívia de Moraes Neta, nos brindando com a História da Educação Profissional no Brasil.

O resultado das palestras foi tão positivo que resolvemos concorrer a um edital de publicação. Ganhamos e publicamos uma versão impressa e outra digital, sob o título de “Diálogos na Pós-graduação do IFRS – *Campus* Osório: Reflexões sobre a Educação Básica e Profissional” encontrável no sítio <https://pragmatha.com.br/wp-content/uploads/2021/11/Ebook.pdf>

O segundo Ciclo de Palestra teve como temática a questão da diversidade. A professora Adri Quadros, da Geografia, juntou-se a nós na organização do ciclo e passou a dividir a disciplina de Metodologia com a

Elisa. Aqui, abordamos questões relacionadas a gênero e etnia na escola. A abertura se deu com a colega do *Campus Restinga*, hoje no *Campus Viamão*, Milena Quadros, abordando a experiência agroecológica e o papel na mulher no *campus* do IF, situado em zona periférica. Também tivemos participação de Rita Severo, da UERGS, e Fernando Seffner, da UFRGS, abordando questões de gênero na Escola e Paulo Silva Silva, professor da rede municipal de Porto Alegre, abordando questões étnicas.

Nesse tempo, ainda no segundo semestre de 2020, iniciamos o remoto, conhecido como APNP, Atividades Pedagógicas Não Presenciais. Não foram chamadas de Educação a Distância devido à circunstância. Esse formato foi aprovado em nosso Conselho Superior, na Reitoria, e nosso Conselho de *Campus*, no *Campus*. Organizamos então nossas aulas quinzenalmente, com média de duas horas. Mesclamos com o segundo e terceiro ciclos. Ao final, então, do ano de 2020, realizamos o terceiro ciclo, entre outubro e novembro, intitulado “Políticas Públicas Para o Ensino Básico e Profissional”. Na abertura, convidamos o nosso então reitor, Júlio Xandro. Na sequência, as “pratas da casa”, com Paola Purim, Gabriel Pereira, Marinês Mauer, Cláudia Pelissoli, Elô Garcez, e, Tamiris Possamai, do *Campus* de Rio do Sul, Instituto Federal Catarinense. Nessas palestras, foram abordados os desafios da educação inclusiva, a visão de ensino integral, o problema das relações interpessoais e as perspectivas institucionais do nosso *Campus*. Boa parte destas falas foram restados dos trabalhos dos palestrantes em seus cur-

sos ou de Mestrado ou de Doutorado. Este foi o último curso em formato online, tivemos uma adesão menor e entendemos que já estávamos todos cansados desse formato digital.

Ainda então, durante o ano de 2020, já no segundo semestre, as aulas na pós eram as únicas que a maior parte dos alunos participavam mais, abriam a câmera. Não eram aulas para as famosas bolinhas dos demais níveis. Tivemos boas participações dos anos.

Findo o segundo semestre, iniciamos um novo processo seletivo. Em fins de 2020, adaptamos o Edital para o novo formato, ainda que provisoriamente, e as aulas seriam online. O próprio processo seletivo foi online. Não tínhamos como realizar prova, apenas por pontuação e documentos, além da entrevista. Era a segunda turma de nosso novo PPC, mas teríamos que iniciar no formato APNP. O formato APNP tinha esse nome então por não ser considerado EAD, pois para EAD os professores teriam que ter uma formação, e a maioria de nós não tinha. Então era mesmo de caráter emergencial, com aulas síncronas pelo Meet, e aulas pelo Moodle, que, na verdade, acabava sendo um repositório de materiais. Essa segunda turma do novo PPC foi toda nesse formato.

O ano de 2021 seguiu-se todo nessa forma, sempre na expectativa de retorno presencial, mas tínhamos que aguardar as vacinações em massa e a correspondente diminuição de casos para que a volta às aulas fosse segura. Iniciamos então o processo de uma nova publicação. Em 2022 publicamos “Estudos sobre a educação básica e profissional: reflexões, práticas e desafios”

encontrada no sítio <https://dspace.ifrs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/742/123456789742.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Trata-se da reunião de trabalhos defendidos em nossa pós. A ideia foi valorizar a produção dos alunos.

Depois destes anos todos na coordenação da pós, já era hora de “passar a bola adiante”, então, em uma reunião de colegiado, escolhemos a Guta como nossa coordenadora.

## Um pouco de vivências sobre a Pós no IFRS *Campus* Osório

Marcelo Vianna<sup>1</sup>

Eu sou Marcelo Vianna. Sou servidor técnico em assuntos educacionais e sou historiador de formação, com doutorado na área. Atuo no IFRS desde 2016, quando estava finalizando meu doutorado e, em meio às incertezas da carreira, fiz o concurso junto com outro colega para a instituição. Acabei designado para o *campus* Osório, onde comecei a minha trajetória, chegando ao cargo de diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFRS *Campus* Osório entre os anos de 2020 e 2023. Atualmente, estou no IFRS *Campus* Alvorada e no Núcleo de Memória do IFRS.

Inicialmente, não tive muito contato com o Programa de Pós-graduação em Educação Básica Pro-

<sup>1</sup> Graduado em História (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). Possui especialização em Educação de Jovens e Adultos pelo Centro Universitário La Salle (2006), mestrado e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do RS (2011 e 2016), este último com período sanduíche (CAPES), na Freie Universität Berlin em 2015. Atualmente, é coordenador de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFRS *Campus* Alvorada desde 2024 e é presidente da Comissão Central do Núcleo de Memória do IFRS desde 2021. Trabalhou no IFRS - *Campus* Osório entre 2016 a 2023. Esteve frente à Direção de Pesquisa entre 2020 e 2023.

fissional. Além de novato no *campus* Osório, estar em envolvido no Ensino e participar simultaneamente de muitas comissões atuantes acabaram por dificultar um primeiro olhar sobre o curso, que naturalmente já seguia suas atividades. Não se tratava de ignorar a Especialização, todavia a dinâmica do trabalho acabava por torná-la menos visível a mim, ainda que seus estudantes estivessem presentes no *campus*.

Nesse período, o curso buscava uma maior presença no atendimento da comunidade, em uma região caracterizada por uma forte concentração de renda e desigualdades sociais, refletindo-se em indicadores baixos, como IDEB. Sem dúvida, um dos meios para superação desse quadro seria a pós-graduação em Educação Básica Profissional do IFRS *Campus* Osório, contribuindo para qualificação dos docentes atuantes na região do Litoral Norte.

No ano de 2018, já me encontrava mais envolvido com atividades de Pesquisa do *campus* e, com isso, mais próximo do ambiente do curso. Aos poucos, passei a ser convidado para algumas bancas de TCC, que significaram a oportunidade de conhecer os trabalhos desenvolvidos, especialmente na área da História da Educação. Havia iniciado meu pós-doutorado na Unisinos e tive oportunidade de fazer parte do estágio com práticas de aula na especialização do *campus*.

Entre o segundo semestre de 2018 e primeiro de 2019, passei a rever referências, preparar intervenções, propor discussões, tudo aquilo que se espera na construção de um conhecimento crítico em uma pós-graduação. Além disso, me aproximei de um grupo muito especial de estudantes, muitos deles trabalhadores da

educação da região, que enfrentavam duras jornadas de trabalho e lutavam não apenas por uma qualificação que permita um aumento financeiro (inegável necessidade), mas porque acreditavam em uma Educação de qualidade que pode ser alcançada por meio da Especialização.

Difícil mensurar o quanto significou contribuir para a pós-graduação. Uma das atividades que relembro foi a visita técnica ao Museu de Artes do Rio Grande do Sul e à Fundação Iberê Camargo, em maio de 2019. A intenção era percebermos como funcionavam os espaços educativos desses lugares de memória, portadores de um patrimônio cultural imprescindível para cultura e história de nosso estado. Essa experiência permitiu focar na mediação como um meio de construção de significados socioculturais, como forma de suscitar reflexões a partir das interpretações que os visitantes fazem.

Repensar a Educação por meio da Arte foi permitir um olhar sensível sobre nossos conhecimentos e experiências, que em conjunto, formam saberes que irão influenciar nossa cultura. Foi um evento muito especial, porque foi um momento de proximidade com o grupo de estudantes da especialização, para além do espaço formal de sala de aula. Para mim, foi uma experiência significativa, especialmente a partir dos relatos e trabalhos posteriores, o que nos motiva a acreditar na Educação em toda sua potencialidade de transformação da nossa sociedade.

Em 2020, passei a ocupar o cargo de Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação no *campus*. O ano

havia iniciado com a pandemia de covid-19, período em que todos acompanhavam pelo noticiário quando ela alcançaria nosso país. Logo ela se abateu com toda força, corroborada por um governo federal disfuncional e uma série de negações científicas, levando o país a um recorde de internações e mortes. Para o IFRS, foi muito complexo lidar com essa realidade, o que exigiu a suspensão das atividades presenciais, já que havia muitas incertezas sobre como lidar com a pandemia e por quanto tempo, de forma a garantir a segurança de todos.

Desta forma, em março de 2020, mal havíamos iniciado as aulas, recebemos a portaria comunicando a suspensão das atividades. Foi a primeira de muitas. Cada suspensão trouxe o desafio de garantir a segurança de todos a partir do distanciamento social e de propor atividades que mantivessem vínculos com os estudantes. Após alguns meses, com atividades sob forma de palestras, rodas de conversa e oficinas virtuais, foram organizadas as Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs), demarcando uma primeira tentativa de formalização de atividades de ensino, de caráter opcional, aos estudantes. Não foi uma solução tranquila para o IFRS, visto haver no Conselho Superior uma divisão da comunidade sobre retorno ou não às atividades letivas de forma remota.

Minhas recordações do período são igualmente complexas. Inicialmente, havia uma sensação de alienação e impotência, cabendo a tarefa de coordenar as atividades de Pesquisa e de Pós-graduação em um contexto em que para sobreviver. Havia muitas cobranças

e frustrações. Havia também o drama familiar no trabalho remoto, com um filho de se alfabetizava de forma virtual. Na qualidade de gestor à época, precisei deixar esses sentimentos em prol de uma perspectiva propositiva, de estar disponível ao diálogo e de encontrar soluções até para evitarmos uma grande evasão dos estudantes.

A Pós-graduação do *campus* foi bastante prejudicada no contexto pandêmico, apesar dos esforços da coordenação do curso e dos colegas em tentar atender os estudantes. Manter um vínculo mínimo era necessário, para garantir proximidade com os pós-graduandos, alguns deles docentes de escolas municipais e estaduais que acabariam forçosamente retornando às aulas ainda durante a pandemia. Nem sempre eles estavam no foco das preocupações, o que precisava ser reforçado periodicamente com a comunidade.

Uma das tentativas de construir esse vínculo e manter as atividades da Pós-graduação foi a organização dos Ciclos de Palestras no ano de 2020. Minhas recordações desse processo foram de uma capacidade dos colegas da pós-graduação articularem suas redes para chamar convidados em um contexto muito difícil que vivenciávamos. Os meios virtuais possibilitaram envolver colegas de outras instituições do país, como Olivia Neta (UFRN), possibilitando discutirmos uma amplitude de temas relativos à Educação Profissional e Tecnológica, como o educar em tempos pandêmicos, o papel das relações étnico-raciais e de gênero, as identidades e culturas escolares, políticas educacionais, entre outros.

Foram eventos muito bem-sucedidos. Sem dúvida, também contribuíram para que parte dos pós-graduandos aderissem às APNPs em setembro de 2020 e mantivessem o foco em suas pesquisas, mantendo suas relações com orientadoras(es) e demais colegas. Essa continuidade se manteve em 2021, com a retomada do calendário escolar do *campus*, a partir de manutenção de atividades remotas de ensino.

Nesse aspecto, sempre procurei dialogar sobre a autonomia da Pós-graduação, tentando flexibilizar trâmites e assegurar sua qualidade, levando-se em conta que havia desistências motivadas pela pandemia. Havia uma redução do número de estudantes, o que impactava inclusive no número baixo de defesas.

Entre as discussões para o período, estava a reformulação do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e a possibilidade de torná-lo em parte EaD, com uma carga horária específica. Ainda que estivesse no horizonte essa mudança, o retorno presencial em 2022 desmobilizou aos poucos essa ideia – não apenas o processo seletivo para a Especialização voltou a ter um aumento do número de inscritos, mas a perspectiva dos encontros presenciais retomou a essência do diálogo e das trocas que caracterizavam a construção dos saberes da Pós-graduação. Ainda que o remoto tenha alguns aspectos positivos para os pós-graduandos, inegáveis aos trabalhadores de Educação em suas longas jornadas de trabalho e de estudo, estar em um encontro presencial com colegas e servidores, sem dúvida, voltou a trazer uma perspectiva mais integradora proposta pelo Programa, sendo parte da vida do *campus*.

É difícil fazer uma síntese sobre uma trajetória de um curso e as memórias nas quais podemos compartilhar a partir dele. Há uma parte pouco glamourosa, que envolve a tão temível burocracia, mas que é vital para que o curso exista e os estudantes tenham seus saberes reconhecidos fora do IFRS. Por outro lado, é muito especial lembrar o protagonismo dos pós-graduandos, como nas participações em diferentes mostras científicas e, em especial, no Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS. Vê-los nesses espaços é reconhecer a importância que o conhecimento da Pós-graduação tem para a comunidade da região, de como isso pode impactar na realidade de cada escola onde atuam. Aprendi muito nesse período e agradeço aos colegas, como Sérgio, Alexandre e Maria Augusta pelos ensinamentos, assim como Flávia e Claudino pela confiança nas minhas atividades.

Por fim, guardo uma recordação especial a partir de uma fala que fiz sobre o Núcleo de Memória para os estudantes da Pós-graduação em 2023. Nela, procurei demonstrar o quanto da memória da EPT é significativa para construção de nossos saberes e o quanto isso contribui para uma consciência histórica tão necessária de nossa Educação. Mas o que foi marcante foi perceber e ouvir o quanto os estudantes tinham memórias a compartilhar e o quanto isso poderiam influenciar em suas ações como educadores. Alguns inclusive eram ex-estudantes do Ensino Médio e do Superior do *campus*.

A partir dessas experiências, foi muito bom notar que cada memória tinha seu significado e como

cada uma contribuiu para construirmos uma educação transformadora. Sem dúvida, é uma possibilidade muito rica que a Pós-graduação em Educação Básica Profissional no IFRS *Campus* Osório vem explorando.

A photograph of a bookshelf filled with antique books. The books are arranged on wooden shelves, and the lighting is warm and soft, creating a bokeh effect in the background. The text "O formato atual" is overlaid in the center of the image.

**O formato atual**

## A experiência docente na Pós-Graduação

Adriana Silvester Quadros<sup>1</sup>

Nestas primeiras linhas, irei me apresentar aos leitores. Sou a professora Adriana Silvester Quadros, graduada em Geografia, bacharelado, pela Fundação Universidade do Rio Grande - FURG, licenciada e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e atualmente doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS. Atuo como docente de Geografia, na educação básica e superior, desde o início dos anos dois mil. Iniciei minha carreira em cursos pré-vestibular na cidade de Rio Grande, posteriormente atuei na rede estadual e em algumas municipais em Porto Alegre e região metropolitana. Sou professora efetiva da Rede Federal desde dois mil e dezesseis, quando

---

<sup>1</sup> Possui bacharelado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande (1997), Mestrado no Programa de Pós Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002) e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente é professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *campus* Osório e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS. Tem experiência na área de ensino de Geografia e Geografia Agrária. Atuou como Docente do Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional entre 2020 e 2023. Atualmente está afastada para realização de doutorado.

ingressei no Instituto Federal Catarinense – *Campus* Rio do Sul. Permaneci por quase quatro anos em Santa Catarina, buscando neste período uma oportunidade de transferência para a Rede Federal no Rio Grande do Sul. Esta oportunidade surgiu em dois mil e dezanove, para o IFRS. Em dezembro daquele ano chegava cercada de expectativas em Osório, a Terra dos Bons Ventos, sendo muito bem recebida no *Campus* Osório.

Meu primeiro ano letivo no IFRS iniciou em fevereiro de dois mil e vinte. Naquele ano, tivemos uma recepção calorosa no primeiro dia de retorno docente das férias escolares e uma jornada pedagógica repleta de atividades nos dias seguintes. Durante a jornada, por indicação do outro professor de Geografia na época, participei de uma reunião da Especialização em Educação Básica e Profissional do *campus*. Antes de assumir minha vaga em Osório pesquisei o site da instituição e me deparei com a oferta deste curso de pós-graduação. Naquele momento de euforia com a mudança de vida profissional, aventei a possibilidade de fazer parte do curso, refletindo onde poderia me encaixar. A participação na reunião foi bem interessante, pude conhecer alguns colegas e entender um pouco mais a proposta do curso.

Ainda neste período inicial no *campus* Osório me aproximei da coordenação e membros do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e indígenas (NEABI) do *campus* e recebi convite para assumir a coordenação do núcleo para o biênio seguinte. Convite aceito com muita satisfação e que marcou minha recente trajetória no *campus*. Ser coordenadora do NEABI acarretou

muitos desdobramentos positivos. Dentre estes, destaco a possibilidade de maior contato com colegas que se tornariam referências importantes e que foram o elo para efetivar meu ingresso ao grupo docente da Especialização em Educação Básica e Profissional.

No entanto, o ano de dois mil e vinte, que iniciou repleto de novidades, projetos e muita vontade de viver o novo *campus*, trouxe com ele dias de incerteza e em seguida a paralisação das atividades presenciais. Em março iniciava o lockdown (confinamento) no Brasil, em virtude da pandemia ocasionada pelo avanço do coronavírus. Tenho muito viva a lembrança de, em um daqueles dias, a coordenadora de ensino adentrar a sala dos professores manifestando preocupação em virtude de alguns questionamentos e comportamentos apreensivos dos estudantes. Naquele momento, tudo era incerto. Sabíamos do avanço do vírus no exterior, mas a apreensão ainda não se fazia completamente presente no país. As informações chegavam de modo desencontrado, a população brasileira demorou a compreender o que realmente estava ocorrendo. O governo federal, que naquele momento deveria ser ágil, informando com objetividade a população, em muitos momentos foi omissivo e contribuiu para o avanço do negacionismo no país.

A partir de meados do mês de março de dois mil e vinte, o IFRS optou em paralisar as atividades letivas presenciais em seus *campi* e suspendeu o calendário acadêmico. Uma decisão acertada, pois, dada a diversidade de nossa comunidade acadêmica, seria muito problemático seguir o calendário, mesmo que remo-

tamente, sem realizar com responsabilidade os ajustes necessários. Por se tratar de uma instituição de abrangência estadual e *multicampi* (o IFRS conta com 17 *campi* distribuídos pelo estado), que atende estudantes que residem em áreas urbanas e rurais e provenientes de famílias de distinta situação socioeconômica, uma decisão equivocada implicaria em consequências inestimáveis. Os meses seguintes, após a suspensão do calendário, foram de intensa adaptação à nova realidade. A vida, que antes do coronavírus acontecia na rua e em espaços coletivos de troca e convivência, precisou ser adaptada ao mundo virtual. E o encontro, entre pares e demais pessoas da extensa comunidade acadêmica do IFRS, passou a ser mediado pelas telas.

Foi nesse processo de intenso reaprendizado que retomei a aproximação com os docentes da Especialização em Educação Básica e Profissional. Em conversas informais com alguns colegas, fui sondada em relação a meu interesse em somar-me ao grupo. Assinalei positivamente e imaginei que minha participação ocorreria em sala de aula no período pós-pandemia, quando o calendário formal fosse restabelecido. Acabei sendo convidada para algumas reuniões online de colegiado, onde se discutia naquele momento a construção de alternativas para integração dos discentes ingressantes na turma daquele ano. Aventou-se a possibilidade da realização de algumas falas online, no formato de palestras, com convidados externos ao *Campus* Osório. A partir de maio de dois mil e vinte, iniciou-se uma bem-sucedida série de três ciclos de palestras. Estes eventos contaram com grande participação da comu-

nidade acadêmica interna e participantes externos dos municípios de Osório, Litoral Norte, de outras regiões do Rio Grande do Sul e também de outros estados. Este ciclo de palestras teve como um dos resultados a publicação de livro composto por textos de palestrantes e outros autores envolvidos nos ciclos de debates. Fui uma das organizadoras da obra, juntamente aos professores Alexandre Lobo, Maria Augusta Martiarena e Elisa Daminelli.

Aos poucos, as atividades letivas retornaram, em modo remoto num primeiro momento. Passei a ministrar a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Educação, em sistema de docência compartilhada com a professora Elisa Daminelli. No ano de 2021, a disciplina, que é oferecida no primeiro semestre, foi reformulada para ocorrer de modo remoto, com aulas síncronas e assíncronas. Já no ano de 2022 ocorreu o retorno ao presencial. Ministrar esta disciplina foi um grande desafio e aprendizado, pois nunca havia sido docente na pós-graduação. A turma de 2021 foi um presente! Como o edital para ingresso daquele ano previa o ensino remoto, acabou atraindo estudantes de municípios para além da região do Litoral Norte gaúcho, até mesmo de fora do estado. Como resultado tivemos uma turma diversa, interessada, com temas de pesquisa instigantes e muito participativa. Chamou-me atenção, além da diversidade de temas, as diferentes abordagens metodológicas trazidas pelos estudantes.

No ano seguinte, a pandemia arrefeceu, as contaminações e óbitos pelo coronavírus entravam num processo de estabilidade, seguidos pela queda. A vaci-

nação da população avançou consideravelmente, oferecendo segurança ao retorno das atividades presenciais. O *campus* voltou a receber a comunidade escolar, ainda cercado de protocolos e medidas de segurança, como o uso da máscara, que não permitia a visualização completa dos rostos de nossos interlocutores. Mesmo não podendo visualizar por completo as faces de colegas e estudantes, o fato de poder estarmos próximos, em atividades presenciais e em grupos, foi muito comemorado! Entretanto, a turma de 2022 foi muito menor que a do ano anterior, frustrando de certa forma nossas expectativas. Por outro lado, entendíamos que esta era uma consequência dos tempos difíceis que a pandemia nos impôs. Seria muito improvável ser de outra forma. Nosso público-alvo se constitui por adultos trabalhadores residentes em Osório e outros municípios do Litoral Norte, muitos destes professores, fortemente impactado pela pandemia.

Mesmo com uma turma reduzida, foi possível realizar um excelente trabalho, dada a qualidade dos estudantes. O perfil diverso da turma e a experiência de vida e profissional trazida por cada estudante enriqueceu os debates e foi um estímulo para os docentes no recomeço pós-pandêmico. Desta turma, tive a honra de orientar a pós-graduanda Andréa Silveira da Rosa, estudante que marcou muito minha história no curso. Sua pesquisa teve como temática a análise da presença de personagens negras e negros nos livros infantis de bibliotecas escolares de seu município. Andréa realizou um belíssimo trabalho, contribui muito com o grupo docente e a comunidade acadêmica do *campus*, tendo

participado de várias atividades extracurriculares. Por nos identificarmos com a temática étnico racial, criamos uma conexão imediata e posteriormente outras identificações surgiram. A partir das sensibilidades que nos atravessavam, criamos laços fortes constituídos por nossas negritudes. A Andreia me ajudou a não ter medo das escolhas que vinha construindo, pois ela também estava em busca de desafios semelhantes, com muito empenho e determinação.

Nestas minhas memórias, impossível não fazer referência à colega Elisa Daminelli, docente e pessoa admirável, com quem compartilhei a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Educação nos anos em que atuei. No início de nossa parceria, fiquei apreensiva, imaginei que a colega poderia não se sentir à vontade em dividir a docência, pois, até então, ministrava a disciplina individualmente. Mas já nas nossas primeiras conversas esta apreensão desapareceu. Com profissionalismo e generosidade ímpar, fui muito bem acolhida pela Elisa, que me deixou à vontade para construirmos em conjunto o curso que iríamos oferecer. A professora Elisa compartilhou bibliografias, me emprestou livros do seu acervo e deu várias dicas que foram essenciais para minha compreensão da dinâmica da disciplina e do próprio curso. Uma colega com quem aprendi e sigo aprendo muito, daquelas pessoas que fazem a diferença na nossa vida.

Encerro este relato enfatizando a importância da Especialização em Educação Básica e Profissional ofertada pelo *Campus* Osório a comunidade do Litoral Norte. Desconheço a existência de outro curso similar

na região, que seja presencial e gratuito e que tenha um corpo docente tão qualificado. Nestes anos de atuação no *Campus Osório* e na especialização, como docente em sala de aula e membro de bancas de defesa do trabalho final, tenho visto vários estudantes seguindo seus estudos em cursos de mestrado e doutorado, motivados pela experiência na pós do *campus Osório*. Eu mesma fui afetada por esta experiência e no percurso da minha estada no *campus* tomei a importante decisão de realizar o doutoramento. Atualmente, como doutoranda da UFRGS, tenho planos de após a defesa da tese retornar à especialização, e levarei comigo a experiência adquirida. Até breve!

## Olhar inclusivo

Aline Dubal Machado<sup>1</sup>

No ano de 2014, iniciei minha trajetória como docente de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Osório. Esse momento marcou o início de uma nova fase profissional, cheia de desafios e inúmeras possibilidades no campo da docência. A oportunidade de lecionar Libras abriu portas para o desenvolvimento da minha carreira, permitindo que eu explorasse cada vez mais a atuação nessa área.

Meu ingresso no curso de especialização em Educação Básica e Profissional aconteceu de forma inesperada. Ainda estava me adaptando à nova realidade docente, conhecendo os colegas e familiarizando-me com o ambiente institucional, quando, numa tarde quente,

---

<sup>1</sup> Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestra em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É especialista em Educação Especial pela UFSM e especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Estadual de Maringá. Possui formação como intérprete de Libras com aprovação pelo ProLibras (2006) e 7º ProLibras em proficiência no ensino de Libras. É docente de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no IFRS - *Campus* Osório desde 2014, ano em que começou a atuar como docente do Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional.

na sala dos professores, recebi um convite que mudaria o rumo da minha jornada. A professora Maria da Conceição Hatem de Souza, carinhosamente conhecida como Tina (in memoriam), aproximou-se de mim para uma conversa informal sobre minha formação, atuação e experiência profissional. Durante aquela conversa descontraída, “papeamos” por um bom tempo sobre diversos assuntos relacionados à educação e à prática docente.

Alguns dias depois, Tina me procurou novamente com uma proposta inesperada: convidou-me para assumir temporariamente o componente curricular que ela ministrava no curso de especialização, uma vez que, por motivos de saúde, precisaria se afastar para tratamento médico. Esse convite, que recebi com surpresa e entusiasmo, foi o pontapé inicial para minha atuação no curso, que se estende até os dias atuais. Mesmo tendo convivido pouco tempo com a professora Tina, guardo profunda admiração por ela, e sinto-me honrada pela oportunidade e comprometida pelo “sim” que lhe dei naquela ocasião.

Assim, por meio desse especial convite, ingressei no corpo docente do curso de especialização em Educação Básica e Profissional. Fui responsável, por alguns semestres, pela disciplina de “Psicologia Escolar: Interfaces com o Desenvolvimento Comunitário”. Inicialmente, minha experiência com a turma foi breve, já que estava concluindo o componente curricular deixado por Tina. Contudo, esforcei-me para seguir o planejamento que ela havia desenvolvido, valorizando ao máximo a oportunidade e também aproveitando para

deixar a minha identidade como professora, sendo que essa marca está atrelada à minha formação inicial na área da Educação Especial. Então, alguns aspectos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência foram sendo discutidos e exemplificados no contexto do componente curricular “Psicologia Escolar: Interfaces com o Desenvolvimento Comunitário”.

Outro momento que me marcou foi uma conversa com Tina, na qual mencionei meu desejo de agregar à disciplina algumas abordagens da Educação Especial e da Inclusão Escolar. Recebi seu total apoio, uma vez que ela mesma relatou sentir falta dessa pauta na formação da maioria dos estudantes. Esse respaldo me deu confiança para incorporar ao componente um pouco do meu “DNA” de professora da Língua Brasileira de Sinais e do campo da Educação Especial.

A partir do meu olhar como professora formada na área supracitada, e também alertada pelos colegas e pela própria Tina sobre a distinta formação dos estudantes ingressantes no curso, pude constatar a diversidade presente não somente na formação inicial dos estudantes, mas também em seus posicionamentos e compreensões referentes a uma área como a Educação Especial, sendo essa algo novo e distante de suas realidades de atuação profissional, o que se refletia em suas diferentes percepções sobre a inclusão. Ou seja, para muitos, era uma área nova e longe de suas vivências.

Recordo-me de escutar comentários como: “Eu não sabia que uma pessoa com deficiência podia fazer isso” ou “Não sabia que ela podia alcançar tal nível de auto-

nomia”. Essas reflexões dos estudantes reforçaram a importância de estabelecer um diálogo entre a Psicologia Escolar e a Educação Especial, o que culminaria, futuramente, na inserção do componente específico sobre Educação Inclusiva no curso.

Ainda revisitando minhas memórias sobre o trabalho docente no curso de Educação Básica e Profissional, antes da atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), tive a oportunidade de compartilhar a bi-docência da disciplina “Psicologia Escolar: Interfaces com o Desenvolvimento Comunitário” com a colega Rafaela. Juntas, dividimos os conteúdos e somamos nossas experiências e conhecimentos. Sentamos, conversamos e organizamos o cronograma, oportunizando diálogos colaborativos entre nós, professoras, de forma positiva. Considero essa experiência muito enriquecedora, pois, tanto na troca e na construção com a colega Rafaela, onde pudemos nos apoiar e trazer temas relacionados aos conteúdos a partir de nossas diferentes formações e vivências de docência, quanto nos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Logo, a partir das experiências, trocas e interações ao desenvolver a disciplina, considero que comecei a plantar a semente da reflexão sobre a Educação Especial e Inclusiva entre os estudantes do curso. Com isso, a temática da inclusão começou a ganhar espaço nas discussões, o que se mostrou fundamental, uma vez que a especialização visava à formação de professores. Destarte, não podemos, nos dias atuais, formar docentes sem abordar e refletir sobre esse tema, ou seja, pensar acerca dos alunos com deficiência no sistema educacional.

Com o passar do tempo, e após debates no âmbito institucional para a reformulação do PPC (2018), este foi atualizado e o componente de Educação Inclusiva foi inserido na grade curricular, vigorando o novo PPC em 2019 (neste momento eu estava em afastamento para qualificação no doutorado).

Essa conquista não foi apenas um marco para a instituição, mas também para mim, que vi consolidada na formação de futuros educadores a oportunidade de ter conhecimentos na área da Educação Inclusiva, temática tão relevante para a formação de professores.

Assim como as pessoas com deficiência conquistam diariamente seu espaço e seus direitos, sinto que a inserção desse componente curricular foi uma vitória para todos, legitimando um espaço inicial de formação docente na área da Educação Inclusiva.

Em 2022, retorno da licença e, novamente, atuo como docente no curso. Para isso, ratifico como minha compreensão e fazer docente, de que a disciplina de Educação Inclusiva deve trazer aos estudantes uma abordagem colaborativa, como forma de ensino para se pensar e atuar diante da inclusão, fomentando nos futuros docentes a essencialidade de fazer parte do processo educacional. Ou seja, cada um deve sentir-se incluído e comprometer-se com o real sentido da política da inclusão.

Logo, além dos conteúdos necessários à formação dos estudantes, busco desenvolver o sentimento de acolhimento, empatia e comprometimento com a educação para todos, por meio de exemplos e vivências, pois acredito que ressignificar o papel docente é imprescindível.

Nesse sentido, é fundamental prepará-los para trabalhar em equipe, dialogar com diferentes saberes e serem flexíveis para adaptar o ensino às especificidades de cada aluno, sempre considerando a singularidade e o potencial de desenvolvimento de cada um, bem como seu tempo de aprendizagem.

Com essa perspectiva, o feedback dos estudantes é extremamente relevante, sendo este positivo em relação aos estudos propostos acerca da Educação Especial e Inclusão. Como revela o depoimento de uma estudante do curso e bacharel em Administração:

“A disciplina de Educação Inclusiva é de fundamental importância para a formação continuada, pois promove o desenvolvimento de competências essenciais para lidar com a diversidade nas salas de aula e garantir o direito à educação para todos os estudantes, independentemente de suas habilidades ou necessidades especiais. Ao proporcionar uma compreensão mais profunda sobre as barreiras e desafios enfrentados por alunos com deficiências (...), a educação inclusiva capacita os profissionais da educação a adotarem práticas pedagógicas mais adaptadas e inclusivas, favorecendo o desenvolvimento de um ambiente escolar mais equitativo e acolhedor. Além disso, a formação continuada nessa área é essencial para que os educadores estejam sempre atualizados com as novas abordagens, tecnologias e legislações que surgem para apoiar a inclusão, promovendo uma educação mais justa e de qualidade para todos.”

Portanto, o componente de Educação Inclusiva não é apenas uma adição ao currículo, mas uma resposta às demandas atuais do sistema educacional. Ele busca capacitar os futuros professores a serem agentes de transformação, comprometidos com uma escola inclusiva, onde todos os alunos tenham acesso ao pleno desenvolvimento e à aprendizagem significativa.

Assim, o curso de especialização em Educação Básica e Profissional cumpre sua missão de formar professores com um perfil dinâmico, reflexivo e comprometido com a inclusão. Ao preparar educadores para lidar com a diversidade e adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades de todos os alunos, o curso contribui de maneira significativa para a construção de um futuro mais justo e democrático na educação, onde cada um tem a chance de se desenvolver plenamente, sendo respeitada sua singularidade sob um olhar mais inclusivo.

## Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Práticas em Educação

Marla Heckler<sup>1</sup>

Roberta dos Reis Neuhold<sup>2</sup>

Diante do desafio de relatar memórias sobre a Pós-graduação em Educação Básica e Profissional do *Campus* Osório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) no contexto da reformulação, em 2019, do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), optamos por abordar a construção de um novo e ambicioso componente curricular nomeado como Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Práticas em Educação (Liepe). Iniciamos com uma breve apresentação de nossas trajetórias acadêmicas e profissionais, o que inclui formação, experiência e vínculo com o *campus* durante a atuação na pós-graduação. A seguir, destacamos momentos que marcaram a construção desse novo componente curricular e contribuíram, de alguma forma, para o fortalecimento do curso.

<sup>1</sup> Mestre em Física Teórica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora no IFRS desde 2012 e no *Campus* Osório desde 2017, docente na Pós-Graduação desde 2019.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Sociologia (USP). Professora no IFRS desde 2015 e no *Campus* Osório desde 2017, docente na Pós-Graduação desde 2019.

Ao relatar essas vivências, também refletimos sobre a importância da pós-graduação tanto para o *campus* quanto para o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, microrregião que compõe a área de abrangência do *Campus* Osório. Finalizamos com algumas palavras sobre o que aquele momento representou para nós.

### **Apresentação pessoal**

A professora Marla Heckler cursou o bacharelado e a licenciatura em Física na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e o mestrado em Física Teórica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Iniciou a trajetória profissional no *Campus* Concórdia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense em 2011, com posterior redistribuição para o IFRS em 2012, onde atuou no *Campus* Caxias do Sul (2012 -2017) e, a partir de 2017, no *Campus* Osório.

Ministra disciplinas de Física tanto nos cursos de ensino médio integrado ao técnico, quanto nos de graduação em tecnologia e licenciatura. Começou a atuar na pós-graduação após participar da reestruturação do PPC em 2019, quando criamos Liepe I e II. Desde 2019, faz parte do Grupo de Pesquisa e Inovação Didática no Ensino de STEAM (EnSTEAM), composto por pesquisadores que se dedicam ao desenvolvimento de pesquisas, tecnologias, processos e recursos didáticos direcionados ao ensino de tópicos ligados a Ciências, Tecnologias, Engenharias, Artes e Matemática. Além disso, tem coordenado um Clube de Astronomia, que aproxima os jovens das Ciências, utilizando como fio

condutor a Astronomia. As ações desenvolvidas neste espaço reverberam tanto na sua prática de sala de aula como nas ações de extensão ofertadas para estudantes e professores da educação básica.

A professora Roberta dos Reis Neuhold realizou a maior parte de sua formação acadêmica na Universidade de São Paulo (USP), onde cursou o bacharelado e a licenciatura em Ciências Sociais, o mestrado em Sociologia e o doutorado em Educação, com um estágio-doutoral na Universidade do Minho, em Portugal. Durante esse percurso, concluiu a licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Ingressou no IFRS em 2015, como professora da área de Ciências Sociais, primeiramente no *Campus* de Caxias do Sul e, desde 2017, no *Campus* Osório. Logo que chegou ao *Campus* Osório começou a atuar na pós-graduação, tendo respondido pelos componentes curriculares Investigação da Prática Profissional e Seminário Colaborativo de TCC. Também participou da reestruturação do PPC em 2019, em especial da formulação de Liepe I e II. Ainda no âmbito do IFRS e da singular e inovadora arquitetura institucional assentada, entre outros aspectos, na verticalização do ensino (NEUHOLD, POZZER, 2024), leciona Sociologia no ensino médio integrado com o técnico. No campo da pesquisa e da extensão, tem se dedicado sobretudo a temas como ensino de Sociologia, educação profissional e tecnológica, movimentos sociais e cidadania.

## **Memórias da formulação de um novo componente curricular**

No decorrer da reestruturação do PPC, a professora Roberta sugeriu a criação de um componente curricular que articulasse discentes e docentes em torno de um tema comum, preferencialmente relacionado a problemáticas de municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Esse tema comum teria o potencial tanto de estabelecer relações entre os estudos teóricos e a realidade educacional local, quanto de facilitar o desenvolvimento das pesquisas que dariam origem aos artigos dos estudantes exigidos para a conclusão da especialização.

Baseado na experiência de alguns professores proponentes de Liepe em projetos e metodologias ativas e na ideia inicial da professora Roberta, nos reunimos para pensar um componente curricular com o viés descrito anteriormente. Ele auxiliaria os cursistas no desenvolvimento do artigo final de curso, ao mesmo tempo em que fomentaria estudos sobre a educação em pequenos e médios municípios e o desenvolvimento de materiais e recursos para resolver problemas encontrados no contexto educacional. O componente também se apoiou na proposta da disciplina Investigação da Prática Profissional presente no antigo PPC, mobilizando conceitos como professor-pesquisador, pesquisador reflexivo e pesquisa-ação.

Em outros termos, Liepe nasceu com o objetivo de articular a pesquisa, o ensino e a extensão, formando um espaço permanente, sistemático e colaborativo de estudos e investigações empiricamente fundamentadas para aprimorar práticas em Educação (Quadro 1).

Quadro 1: Ementas de Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Práticas em Educação I e II.

Disciplina	Ementa
<p>Liepe I</p> <p>30h (2 horas aula/ semana)</p> <p>1º semestre</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) formar um espaço permanente, sistemático e colaborativo de estudos e investigações empiricamente fundamentadas para aprimorar práticas em Educação;</li> <li>2) organização de linhas de pesquisa subordinadas a um tema norteador ou a uma prática a ser melhorada;</li> <li>3) identificação coletiva, preferencialmente apoiada em visitas técnicas, de um problema de pesquisa;</li> <li>4) leitura e discussão de textos sobre pesquisa coletiva para construção de parâmetros teórico-metodológicos;</li> <li>5) aprofundamento coletivo do repertório conceitual sobre o tema norteador;</li> <li>6) socialização dos procedimentos e técnicas de coleta de dados;</li> <li>7) coleta de dados para caracterização da prática investigada;</li> <li>8) submissão dos resultados à revisão dos pares em um simpósio.</li> </ol>
<p>Liepe II</p> <p>60h (4 horas aula/ semana)</p> <p>2º semestre</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) formar um espaço permanente, sistemático e colaborativo de estudos e investigações empiricamente fundamentadas para aprimorar práticas em Educação;</li> <li>2) contextualização das atividades de ensino, pesquisa e extensão no processo de produção e difusão do conhecimento;</li> <li>3) planejamento da melhoria de uma prática;</li> <li>4) ação de extensão para implementação da melhoria planejada;</li> <li>5) construção de indicadores para acompanhamento e avaliação da ação;</li> <li>6) monitoramento e registro dos efeitos da ação;</li> <li>7) avaliação e divulgação dos resultados da ação.</li> </ol>

Fonte: Adaptado PPC (IFRS, 2019).

Vale destacar que Liepe I busca, a partir da escolha de um problema de investigação, preferencialmente embasado nas vivências dos cursistas em seu ambiente docente, a construção de um aporte teórico pertinente para o objeto de estudo selecionado. Assim, o estudante poderia vivenciar, na prática da disciplina, com seus pares, como delinear um problema de pesquisa, buscar referências e instrumentos adequados para estudá-lo, refletir e analisar sobre sua prática docente. Já Liepe II projetava a elaboração de uma ação de extensão construída também de forma colaborativa, com o intuito de propor uma melhoria na prática investigada, além do esforço de articulação do ensino e da pesquisa já delineado em Liepe I.

Em suma, as ementas assim organizadas dariam a liberdade de se ajustarem ao objeto de estudo desejado definido a cada edição do curso e que serviria de base para planejar a melhoria de uma prática e uma ação de extensão que auxiliaria o discente tanto a fomentar a pesquisa sobre sua prática e contexto escolar em conjunto com seus colegas quanto a elaborar seu artigo de conclusão do curso em conjunto com seu orientador.

### **Importância do componente curricular**

Entre as preocupações que motivaram a reformulação do PPC, estava o crescente índice de evasão de estudantes que cursavam as disciplinas, mas não apresentavam o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que, à época, tinha o formato de uma monografia. Uma das mudanças estabelecidas pelo novo PPC para enfrentar esse gargalo foi justamente a substituição da

monografia por um artigo acadêmico.

Conciso e com uma estrutura objetiva, o artigo despontou como uma opção mais adequada para um curso de duração curta, como a especialização, e voltado a um público que, em sua maioria, concilia estudo e trabalho. Também permitiria maior flexibilidade temática, abordando questões pontuais, diferentemente da monografia, que geralmente exige uma discussão mais ampla. Outra vantagem estaria em sua maior visibilidade, com a possibilidade de publicação em revistas acadêmicas, em vez de ficar restrito às bibliotecas institucionais. Também merece destaque a oportunidade de promover trabalhos colaborativos e interdisciplinares, envolvendo tanto parcerias entre estudantes quanto com orientadores.

Além dessa mudança no formato do trabalho de conclusão de curso, a proposta delineada nos componentes Liepe I e II, que atravessam todo o curso de especialização, criava um espaço coletivo e colaborativo mais propício para fortalecer o vínculo dos discentes com a pesquisa e com o próprio curso, tornando o processo de redação do artigo menos solitário.

De forma mais ampla, Liepe fazia coro com um processo em curso nas instituições de educação superior brasileiras conhecido como “curricularização da extensão”, ou seja, a destinação de um percentual da carga horária dos cursos para programas ou projetos de extensão, particularmente em áreas de grande pertinência social (Brasil, 2014).

Liepe estava também alinhada com as próprias finalidades, características e objetivos dos Institutos Fe-

derais (BRASIL, 2008), que sublinham o vínculo da instituição com o desenvolvimento regional por meio de suas atividades de pesquisa, ensino e extensão (POZZER, NEUHOLD, 2024). Nesse aspecto, o curso de pós-graduação e o desenho de disciplinas como o Liepe têm o potencial de lançar luz sobre problemáticas enfrentadas por docentes que atuam ou pretendem atuar nas diversas redes de ensino locais, composto majoritariamente por pequenos e médios municípios. Vale lembrar que as pesquisas em educação, em sua maioria, ainda estão concentradas nos grandes centros urbanos, o que reforça a importância de um olhar voltado para realidades locais e distintas. Ademais, a oportunidade de trabalhar de forma colaborativa na resolução de um problema evidencia que muitos dos desafios enfrentados são comuns, e que as soluções não são universais, variando de acordo com as perspectivas e contextos do observador.

### **O que representou para nós**

Liepe é um componente curricular com uma ementa flexível, o que é importante para o propósito para o qual foi criado e exige dos professores ministrantes uma construção permanente com os cursistas e outros professores colaboradores, pois cada grupo de alunos, embora tenha em comum o cotidiano escolar, têm interesse em se aprofundar em temáticas distintas. Cabe sublinhar que ambas foram implementadas no primeiro ano da pandemia de covid-19, em um contexto de aulas remotas. Já de início a proposta original foi desafiada e exigiu adaptações, dado que visitas técnicas

e mesmo ações de extensão conectadas com as escolas não seriam viáveis tal como planejado. Todavia, também possibilitou o fortalecimento de Liepe como um espaço de articulação e qualificação das pesquisas. Atualmente, após quatro edições (duas remotas e duas presenciais) já conseguimos desenvolver um formato com estratégias que permitem que os estudantes reflitam e construam seus objetos de estudo e planejam e desenvolvam uma ação de extensão.

Assim, ainda não atingimos o escopo inicial que era formar um grupo de pesquisa colaborativo em torno de um objeto de estudo comum, mas caminhamos no sentido de estabelecer colaborações na definição do problema e na seleção de fontes de pesquisa. Porém, os desafios encontrados nos levaram a práticas para que os estudantes tivessem maior êxito de entregar seu produto/artefato final para finalização do curso. Desta maneira, nas primeiras edições (em grande parte devido à pandemia e assim a necessidade de ofertar as disciplinas no formato remoto) os cursistas elaboraram sessões de seu artigo de defesa. Já na terceira e quarta edição elaboraram uma ação de extensão a partir da identificação de uma problemática. Na corrente edição, além da ação de extensão, identificamos formas de trabalhar em conjunto com outras disciplinas.

## Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

DE PESCE, Marly K. , ANDRÉ, Marli E. D. A. Formação do professor pesquisador na perspectiva do professor formador. **Formação Docente** – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 39–50, 2018. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/62>. Acesso em: 25 set. 2024.

BRANDÃO, Carlos R., STRECK, D. R (Orgs). **Pesquisa Participante: a Partilha do Saber**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Presidência da República. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm)

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional**

**de Educação (2014-2024)**. Brasília, 2024. <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NEUHOLD, Roberta R.; POZZER, Márcio R. O. “A tríade universidade, escola e profissão na formação docente: Considerações sobre a verticalização nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia”. **Revista Portuguesa de Educação**, 37(1), 2024. <https://doi.org/10.21814/rpe.28819>

PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

POZZER, Marcio R, O.; NEUHOLD, Roberta R. El desarrollo regional como eje estructural de los Institutos Federales de Educación, Ciencia y Tecnología. **Prometeica**, Revista de Filosofía y Ciencias, São Paulo, Brasil, v. 29, p. 41–82, 2024. DOI: 10.34024/prometeica.2024.29.15280.

IFRS. **Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Básica e Profissional**. Osório, 2019.

pragmatha

**Este livro é fruto de um empenho de docentes e egressos do Curso de Pós-Graduação em Educação Básica e Profissional em interlocução com o Núcleo de Memória do IFRS - *Campus* Osório para a celebração dos dez anos do curso, mas não somente isso: também promover a preservação de relatos cuja relevância permite-nos preservar essa história. O livro é composto por relatos de diferentes momentos: a concepção a partir de suas origens no Programa Especial de Formação de Professores, a transformação em Pós-Graduação Lato Sensu, as mudanças curriculares, o impacto da pandemia de covid-19 e a atualidade.**

